UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

ROBERTO TOFFOLI SIMOENS DA SILVA

Preservação e Sustentabilidade:
Restaurações e Retrofits

São Paulo

2013

ROBERTO TOFFOLI SIMOENS DA SILVA

Preservação e Sustentabilidade:

Restaurações e Retrofits

Dissertação apresentada na Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo da Universidade
de São Paulo para a obtenção do título de
Mestre em Projeto.

Área de Concentração: Projeto de
Arquitetura.

Orientador: Prof. Dr.

Júlio Roberto Katinsky

Exemplar revisado e alterado em relação à versão original, sob
responsabilidade e anuência do orientador. O original encontra-se
disponível na sede do programa.

São Paulo, 01 de outubro de 2013

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO,
POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E
PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

E-MAIL: ROBERTOTOFFOLI@USP.BR

Silva, Roberto Toffoli Simoens da
S586p Preservação e sustentabilidade : restaurações e retrofits. – São
Paulo, 2013.
112p. : il.

Dissertação (Mestrado - Área de Concentração: Projeto de
Arquitetura) - FAUUSP.

Orientador: Júlio Roberto Katinsky

1. Patrimônio arquitetônico (Preservação; Restauro)
2. Arquitetura sustentável 3. Condomínio Américo Simões
4. Instituto Oscar Freire 5. Vila Penteado I.Título

CDU 72.025.3

Nome: SILVA, Roberto Toffoli Simoens da Silva

Título: Preservação e Sustentabilidade: Restaurações e Retrofits

Dissertação apresentada na
Faculdade de Arquitetura e
Urbanismo da Universidade
de São Paulo para a obtenção
do título de Mestre em
Projeto.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. Júlio Roberto Katinsky

Julgamento:

Instituição: FAU - USP

Assinatura:

Profa. Dra. Beatriz Mugayar Kühl

Julgamento:

Instituição: FAU - USP

Assinatura:

Profa. Dra. Silvia Ferreira Santos Wolff

Julgamento:

Instituição: CONDEPHAAT

Assinatura:

Aos saudosos,

Spartaco e Zita Ghilardi, Daniel Piza, Rafael Fabregat, Paula Abud Maeztu, Jussara

Soares, José Ronaldo da Silva e

Neuza Maria Toffoli Simoens da Silva, minha mãe.

AGRADECIMENTOS:

Há algum tempo, minha esposa Patrícia insistia para que eu retornasse aos estudos. Não imagino estímulo maior que o apoio incondicional dela e do nosso filho Bernardo para que essa pesquisa fosse realizada. Obrigado meus amores.

Não menos importante revelou-se a figura do orientador Júlio Roberto Katinsky. Ao longo dos últimos anos, pesquisamos, projetamos, restauramos e nos divertimos juntos. Compartilhamos momentos familiares e estendo meus agradecimentos à Bia e ao Ailton. Foi um privilégio conviver com vocês.

Muitos outros merecem minha gratidão: o Professor Nestor Goulart Reis Filho, que concedeu minha primeira bolsa de pesquisa ainda na graduação; os também professores, Helena Ayoub, Beatriz Mugayar Kuhl, Rafael Perrone, Luis Munari, Marcos Acayaba, Arthur Rozestraten, Maria Lúcia Bressan Pinheiro, Lúcio Gomes Machado, Carlos Lemos e tantos outros que, entre arquitetos e estudantes, enriqueceram esse trabalho com suas críticas e observações. No dia-a-dia profissional, não posso deixar de fazer uma menção especial à família Bolanho – Adhemar, Eideval, Etsuko e André, que me acolheram em sua empresa e tanto me ensinaram. Foi muito importante conviver com esses pioneiros da restauração no Estado de São Paulo.

E por fim, àqueles amigos e familiares que me alegram a vida: os compadres Olavo Zago Chinaglia, Thiago Cappi, Luciano e Ricardo Duarte; Kazu e Augusta Chaya; Djalma Pereira Novo, Marga e Césio Akira, Menê e Dinorá Pastore; Jean Toussant e Guy Sanoyan; à “torcida do Flamengo” – Hélio e Celina, Carlão e Beth, Tia Eliana e Tio Alceu; à torcida do São Paulo – Clóvis e Maria Elza; e é claro meus irmãos (Marcos e Cristina) e sobrinhos (Maitê, Vitor, Daniel, Luiza e Eduardo). Com um agradecimento especial ao meu pai, Luiz Afonso Simoens da Silva, que permitiu meus estudos e propiciou a participação em debates expressivos, com intelectuais reconhecidos tais como Lenina Pomeranz, Amir Khair, Luiz Carlos Bresser Pereira, Zé Luis Conrado Vieira, José Roberto Mendonça de Barros, Nelson Machado, Rubens Ricúpero, entre tantos outros. Assim, pode-se dizer que essa dissertação guarda um pouco de cada um de vocês. Muito obrigado.

E ainda que tivesse o dom da profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse Amor, nada seria.

Paulo, o Apóstolo (carta aos Corintos).

RESUMO

SILVA, Roberto Toffoli Simoens da. **Preservação e Sustentabilidade: Restaurações e Retrofits. 2013. 112 f.** Dissertação (Mestrado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Os campos da Preservação de Monumentos Históricos e da Sustentabilidade na Construção Civil, apesar de distintos, apresentam certo grau de complementaridade. São áreas que dependem de processos eminentemente coletivos para seu avanço, e que se consagram como tradições culturais importantes no enfrentamento da deterioração dos espaços urbanos contemporâneos. A matéria é atual e urgente. Entretanto, o debate sobre o projeto arquitetônico como instrumento de valorização cultural e requalificação ainda é incipiente. Como analisar as intervenções atuais em edifícios degradados? Qual a relevância da Teoria da Restauração e da Sustentabilidade na construção no ideário cultural? Como reintegrar imóveis disfuncionais às dinâmicas urbanas? São questões complexas que merecem atenção. Por isso propomos a análise de três intervenções em edifícios ecléticos na cidade de São Paulo, e cujas estratégias de ocupação guardam íntima relação com a adoção de usos e ocupações ordinárias. Debateremos, portanto, um projeto residencial – o condomínio Américo Simões, e dois acadêmicos – o Instituto Oscar Freire da Faculdade de Medicina da USP, e a FAU – Vila Penteado, da mesma universidade. Cada caso foi estudado através de sistema de valores, em que as dimensões individuais e coletivas do projeto são articuladas no intuito de produzir-se uma visão de conjunto das propostas. O primeiro valor é denominado cultural, ou seja, tem suas definições atribuídas às pesquisas históricas e estéticas e atribui aos bens imóveis valores de interesse comuns a toda a sociedade. O segundo, por outro lado, recebe o nome de valor autoral e volta-se ao reconhecimento das escolhas projetuais contemporâneas, do arquiteto responsável pela proposta, e que estão presentes no partido arquitetônico das restaurações. Do nosso ponto de vista, essa metodologia oferece possibilidades de aprendizado técnico e ético nesse debate particular, em que acreditamos ser desejável a aproximação entre as tendências de Preservação e Sustentabilidade nos projetos de arquitetura.

Palavras chave: Preservação e Sustentabilidade, Patrimônio arquitetônico (Preservação; Restauo), Arquitetura sustentável Condomínio Américo Simões, Instituto Oscar Freire Vila Penteado.

Abstract

SILVA, Roberto Toffoli Simoens da. Preservation and Sustainability: restorations and retrofits. 2013.112 f. Dissertação (Mestrado). College of Architecture and Urbanism of the University of São Paulo, São Paulo, 2013.

The fields of the Historical Monument Preservation and the Sustainability in the Civil Construction, although distinct, present certain degree of integration. They are areas that share of eminently collective processes in the advance of the knowledge, and that if contemporaries consecrate as important cultural traditions for the confrontation of the deterioration of the urban spaces. The substance is current and urgent. However, the debate on the architectural project in this area is incipient. How to evaluate the current interventions in degraded buildings? Which the relevance of the Theory of the Restoration and Sustainability in the construction of the recent cultural scenario? How to reintegrate abandoned buildings to the urban dynamics? These are complex issues that deserve attention. Therefore we consider the analysis of three interventions in eclectic buildings in the city of São Paulo, and whose strategies of occupation keep it summons usual relation with the adoption of uses and occupations. We will debate, therefore, a residential project - the condominium Américo Simões, and two academics buildings - the Institute Oscar Freire of the College of Medicine of the USP, and the FAU – Vila Penteado, of the same university. Each in case were analyzed through a system of values, where the individual and collective dimensions of projects are articulated in intention to produce a vision of set of the proposals. The first value is called cultural, that is, it has its definitions attributed to the historical and aesthetic research and attributes to the real properties common values of interest to all the society. As, on the other hand, it receives the name from authorial value and turns it the recognition of the contemporary decisions, of the responsible architect for the proposal, and that they are gifts in the party architectural of the restorations. Of our point of view this methodology offers to learning possibilities technician and ethical of this debate in particular, where we believe to be desirable the approach enters the trends of Preservation and Sustainability in the architectural projects.

Key words: conservation and sustainability, Architectural Heritage (Preservation; Restoration), sustainable architecture, Condominium Américo Simões, Oscar Freire Institute, Village Penteado.

Lista de Abreviaturas e Siglas

USP	Universidade de São Paulo
FAU	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IOF	Instituto Oscar Freire
FMUSP	Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo
OMS	Organização Mundial da Saúde
MIT	Massachusetts Institute of Technology
ICOMOS	International Council of Monuments and Sites
FIEMG	Federação das Indústrias do estado de Minas Gerais
ONU	Organização das Nações Unidas
COHAB	Companhia Metropolitana de Habitação
RIBA	Royal Institute of British Architects
ARB	Architects Registration Board
ICE	Institute of Civil Engineers
RICS	Royal Institution of Chartered Surveyors
CIBSE	Chartered Institution of Buildings Services Engineers
CIOB	Chartered Institute of Building
RTPI	Royal Town Planning Institute
LNEC	Laboratório Nacional de Engenharia Civil (Lisboa)
IPT	Instituto de Pesquisas Tecnológicas (São Paulo)
MOMA	Museu de Arte Moderna (Nova York)
PMSP	Prefeitura do Município de São Paulo
PAR	Programa de Arrendamento Residencial
CEF	Caixa Econômica Federal
CPC	Centro de Preservação Cultural da Universidade de São Paulo
CONDEPHAAT	Conselho do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado de São Paulo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	p. 1
1.1 Vocabulário	p. 8
1.1.1 Preservação e Sustentabilidade: restaurações e <i>retrofits</i>	p. 11
1.1.2 Valores Coletivos e Valores Individuais	p. 26
1.2 Metodologia	p. 38
2. TENDÊNCIAS CONSAGRADAS	p. 42
2.1 As pirâmides do Louvre	p. 43
2.1.1 Valor Cultural	p. 44
2.1.2 Valor Autoral	p. 45
2.1.3 Estratégia de Preservação	p. 49
3. RESIDENCIAL AMÉRICO SIMÕES	p. 51
3.1 Valor Cultural	p. 53
3.2 Valor Autoral	p. 60
3.3. Estratégia de Preservação	p. 72
4. PATRIMÔNIO UNIVERSITÁRIO	p. 75
4.1 INSTITUTO OSCAR FREIRE – FMUSP	p. 77
4.1.1 Valor Cultural	p. 77
4.1.2 Valor Autoral	p. 83
4.1.3 Estratégia de Preservação	p. 90
4.2 FAU – VILA PENTEADO	p. 92
4.2.1 Valor Cultural	p. 93
4.2.2 Valor Autoral	p. 97
4.2.3 Estratégia de Preservação	p. 100
5. CONCLUSÕES	p. 105
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	p. 109

1. INTRODUÇÃO

Imagem 1 – European House of Photography, Paris

FONTE: Powell, 1999

Existem encontros felizes. Ainda que a idéia de felicidade seja subjetiva, é possível afirmar que muitas dessas relações tenham influenciado o desenvolvimento da cultura de modo geral. Podemos citar Juliano della Rovere (o Papa Júlio II) e Michelangelo Buonarroti, Karl Marx e Friedrich Engels , Sigmund Freud e Carl G. Jung, Le Corbusier e os jovens arquitetos liderados por Lúcio Costa... Todas elas contribuíram para a consolidação da cultura ocidental. Nesse sentido, por mais difíceis que algumas nos pareçam, é razoável creditar-lhes certo grau de felicidade.

No universo acadêmico isso também acontece. Um exemplo deu-se no início do século XX, na formação da Escola Ecológica de Chicago, cuja síntese maior corresponde ao livro *City*, publicado em 1925. Naquele momento, o intenso processo de urbanização norte-americano caracterizava-se por dois movimentos

distintos: um de dispersão, em função da ampliação das infraestruturas de transportes regionais e do aparecimento de áreas residenciais denominadas subúrbios; e outro de concentração, porém, de habitações e serviços populares no *Loop*. Esse empobrecimento da região central foi acompanhado pela escalada da violência urbana e crescente redução da qualidade de vida das populações locais. Para avaliar esse fenômeno, estudiosos como Robert Park, Roderick Mackenzie e Ernst Burgess recorreram a metodologias da Biologia, aplicando-as a fenômenos sociais, dando origem à Ecologia Urbana. Ou seja, do encontro de duas tradições acadêmicas distintas surgiu nova abordagem, específica para os estudos de urbanização.

De certa maneira, é disso que trata o presente estudo. Refletimos sobre a integração de duas tradições culturais cuja importância tornou-se crescente na contemporaneidade. A primeira tem aproximadamente 200 anos e remonta à consolidação da Revolução Industrial; a segunda surgiu há poucas décadas e ainda não se estabeleceu à luz das exigências do mundo acadêmico. No entanto, é reconhecida pelas preocupações referentes ao impacto do trabalho humano no meio ambiente. Referimos-nos, portanto, à Teoria da Restauração – o estado da arte das boas práticas de preservação de bens históricos, e à Cultura da Sustentabilidade na Indústria da Construção Civil.

São áreas que compartilham pontos em comum: o trabalho de John Ruskin é considerado o “início” das discussões, principalmente, ao tratar da relação do homem com a natureza e do homem com a sua história. Além disso, os entendimentos conceituais e técnicos desenvolvem-se a partir de debates amplos, através das Cartas Patrimoniais, por um lado, e dos acordos ambientais internacionais, por outro. Isto é, existem meandros que permeiam essas duas áreas do conhecimento.

Para tanto, propomos recorte específico, em que podemos observar tais integrações: intervenções arquitetônicas contemporâneas em edifícios tombados. Mais especificamente, o processo de modernização de edifícios ecléticos construídos na cidade de São Paulo no início do século XX. São imóveis que, desde a sua origem, apresentam características que privilegiam aspectos sustentáveis –

ainda que o termo não fizesse parte do ideário de arquitetos e construtores da época – e que passaram por processos recentes de restauração, baseados em usos e ocupações ordinárias e permitiram sua reintegração às atividades urbanas.

É claro que não há pretensão em esgotar o assunto. Muito pelo contrário. Nossos esforços têm por objetivo apresentar formas de articular os conhecimentos de cada uma dessas áreas e suscitar novas questões. Por exemplo: somos uma sociedade consciente do papel da humanização do espaço como dinâmica determinante da identidade cultural brasileira? Sustentabilidade e Preservação são conceitos que fazem parte do nosso ideário? Há clareza sobre o significado de cada um desses termos? São questões complexas que merecem especial atenção.

Freqüentemente, a proteção do patrimônio cultural é abordada através de limitações da sociedade brasileira: as dificuldades do poder público em desenvolver programas efetivos de restauração e preservação em larga escala, a falta de profissionais qualificados e o desinteresse do empresariado em participar de operações que envolvam edifícios tombados são exemplos amplamente debatidos nos meios competentes. Isto é, a precariedade que envolve nossos monumentos é de domínio público.

Existem estilos cuja relevância cultural é reconhecida. Não se deve negar que o patrimônio colonial e os palácios da história brasileira encontram boas condições de preservação quando comparados às expressões arquitetônicas mais recentes, especialmente os espaços de usos corriqueiros do ambiente urbano nos últimos 100 anos. Ao compararmos, por exemplo, as condições físicas do Teatro Municipal de São Paulo à preservação dos hotéis ecléticos no centro da cidade, ficam evidentes as diferenças de tratamento. Todos são edifícios construídos no início do século XX, que guardam relação com o crescimento econômico da região, mas cujos valores históricos e estéticos reconhecidos por parte das autoridades e da sociedade civil são diferentes. O Teatro Municipal acaba de passar por necessária restauração financiada pela Prefeitura enquanto os atuais proprietários dos estabelecimentos hoteleiros não dispõem de recursos para desenvolver as obras de recuperação e manutenção necessárias, deixando os edifícios expostos a

intensos processos de deterioração. Aparentemente, os espaços concebidos para usos ordinários ainda carecem de maior reconhecimento cultural.

Essa complexidade presente na realidade brasileira passou a ser tratada de maneira sistemática com a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), nos anos 30 do século XX, inspirado pelo anteprojeto proposto por Mário de Andrade ao Ministro da Educação, o Sr. Gustavo Capanema (ANDRADE, 1955). Desde então, a institucionalização consolidou-se, estimulando o aparecimento de pareceres e projetos de proteção do legado cultural brasileiro. Nesses casos, notam-se iniciativas admiráveis – tais como a do Museu das Missões e a do Solar do Unhão, projetados pelos arquitetos Lúcio Costa e Lina Bo Bardi, respectivamente. Entretanto, apesar da qualidade dessas intervenções, pode-se dizer que o problema ainda está longe de ser equacionado. Quando considerada a escala das áreas urbanas deterioradas no país (o que envolve importantes sítios históricos) fica evidente que nos falta muito para atingirmos patamares aceitáveis de reconhecimento da nossa própria cultura arquitetônica em todo o seu conjunto.

Contudo, nem só frustração caracteriza o cenário. Existem dinâmicas positivas que contribuem para o desenvolvimento de novas práticas de preservação. Tais propostas estão voltadas à reintegração de edifícios históricos às atividades urbanas, encontrando respaldo em setores que reconhecem os valores sociais e ambientais envolvidos. De fato, um observador atento notará características que sugerem o surgimento de tendências contemporâneas de caráter sintético, ou seja, de aproximação das tradições de Preservação Cultural e Ambiental. São projetos que integram programas urbanísticos ou culturais, e promovem a modernização de espaços históricos; nascem de articulações entre o poder público e a iniciativa privada; e incorporam em seus programas arquitetônicos preocupações com o impacto ambiental. Para ilustrar, consideremos obras como a da Pinacoteca do Estado de São Paulo e a da Sala São Paulo, ambos os edifícios localizados na região da Luz e que passaram por expressivas intervenções espaciais na década de 1990. Os resultados alcançaram amplo reconhecimento internacional a ponto de a primeira receber o prêmio *Mies Van der Rohe* em 2000, e a segunda, por ser freqüentada por personalidades da música

erudita tais como os maestros *Zubin Mehta* e *Kurt Mazur*, além de ser palco para importantes eventos artísticos.

Tal movimento reflete-se também no crescente número de profissionais voltados aos trabalhos de restauração e preservação, seja nas instituições públicas, ou na iniciativa privada. No meio acadêmico, por exemplo, multiplicam-se as disciplinas de graduação e pós, cursos de especialização e grupos de pesquisa que ampliam o repertório teórico e técnico disponível. Na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU – USP), destacam-se nomes como o dos Professores Helena Aparecida Ayoub Silva, Júlio Roberto Katinsky e Rafael Perrone, coordenadores dos Grupos de Pesquisa **Arquitetura: Projeto, Ensino e Pesquisa** e **Técnicas Retrospectivas, Restauro e Preservação de Conjuntos Edificados**, dedicados a compreender as dinâmicas contemporâneas voltadas a esse vasto universo. Além deles, é importante salientar o trabalho das Professoras Beatriz Mugayar Kuhl e Maria Lúcia Bressan Pinheiro, que promovem as disciplinas de restauração na FAU. Todos são pesquisadores cujos esforços aproximam preocupações de caráter teórico ao desenvolvimento das práticas profissionais no país. Pode-se afirmar, portanto, que há sensível melhora na quantidade e na qualidade das informações disponíveis no Brasil.

A matéria é complexa e as contradições multiplicam-se: ao mesmo tempo em que certas tendências, anacrônicas, dificultam a recuperação dos bens culturais, surgem outras de caráter progressista. Como mencionado, são iniciativas que contemplam a elaboração de propostas com crescente preocupação ambiental e formação profissional, tendo em vista a urgência do enfrentamento dessa questão no universo urbano. Do nosso ponto de vista, estudar projetos de restauração de edifícios ecléticos oferece oportunidade singular para certos entendimentos. Assim, propomos três estudos de caso: dois institutos da Universidade de São Paulo e um empreendimento residencial privado. Em cada um evidenciaremos o encontro de tendências, esclarecendo que a convergência não ocorre sempre da mesma maneira. Cada projeto tem a sua circunstância, sua peculiaridade, que favoreceu em maior ou menor grau a implantação de soluções

que usufruem dos aspectos positivos de todo o conhecimento disponível aos profissionais da área. Portanto, organizamos a dissertação em:

- (I) Introdução;
- (II) Tendências Consagradas;
- (III) Habitação: o Residencial Américo Simões;
- (IV) Patrimônio Acadêmico: o Instituto Oscar Freire e a FAU – Vila Penteado;
- (V) Conclusões.

O primeiro capítulo apresenta o vocabulário utilizado, a existência de movimentos amplos de proteção do meio ambiente (construído e natural) e a convergência de tradições distintas – a Teoria da Preservação e o Movimento de Sustentabilidade na Construção Civil. Nele ainda demonstraremos nossa proposta metodológica e a preocupação em utilizar critérios objetivos para o reconhecimento do valor cultural original, o que balizará as próprias intervenções contemporâneas. Ou seja, é o capítulo que apresenta os elementos teóricos.

O segundo versa sobre o início dessa tendência na Europa dos anos de 1980. Aqueles que reconhecemos como projetos pioneiros aconteceram, primordialmente, na restauração de edifícios com finalidades culturais, mais especificamente, em Museus. Ainda que nossos objetos de estudo tenham usos mais ordinários, é importante compreender o início do processo de aproximação do debate cultural ao ambiental e registrar o quão recente é a discussão.

O terceiro e o quarto capítulos tratam das análises de três experiências recentes no Brasil: O Residencial Américo Simões, o Instituto Oscar Freire e a FAU – edifício Vila Penteado. É o cerne da pesquisa e se volta estrategicamente a usos ordinários, ilustrando o potencial de preservação e de sustentabilidade que tais práticas oferecem ao processo de urbanização contemporâneo.

No quinto e último capítulo, apresentaremos a síntese das nossas observações. O estudo de edifícios ecléticos, da sua construção à sua modernização, oferece oportunidade singular para compreender as mudanças de concepção tanto por parte de quem projetou quanto daqueles que usufruem dos

espaços oriundos dos processos de preservação. Além disso, são de grande valia para compreender aspectos da agenda internacional destinados às novas práticas de intervenção urbana.

Essa estrutura foi proposta para atender as demandas específicas das pesquisas acadêmicas em projeto de arquitetura. Isso as difere das pesquisas históricas ou daquelas voltadas aos aspectos tecnológicos que envolvem o universo arquitetônico, principalmente, por buscarem visões de caráter amplo. Ou seja, não buscamos a especialização, mas visão crítica e multidisciplinar(KATINSKY, 2011).

1.1. Vocabulário

Imagem 2 - Restauração do antigo Hotel Britânia

FONTE: Acervo Roberto Toffoli S. da Silva

A preservação ambiental está entre os temas mais atuais e urgentes. Ele se tornou parte fundamental da agenda internacional, em função dos problemas provenientes do aquecimento global, do desenvolvimento desordenado das grandes cidades, da deterioração de sítios históricos expressivos..., ou seja, há percepções generalizadas de que o trabalho humano produz desequilíbrios no meio ambiente. Isso está presente em trabalhos como o de Brian Edwards (2008, p.4):

“Em 2003, a Organização Mundial da Saúde (OMS) divulgou que o aquecimento global estaria causando a morte de 150.000 pessoas por ano. Isso vem ocorrendo devido, principalmente, às variações do nível do mar, que afetam a produção agrícola e produzem a escassez de chuvas e a evaporação das reservas de água potável. Além disso, o uso de combustíveis fósseis para aquecimento, iluminação e condicionamento de ar das edificações é responsável por 50% do aquecimento global, sendo o transporte outro fator que contribui em outros 25%.”

Apesar de amplamente aceita, tal concepção não é imune a críticas. Existem questionamentos sobre o grau de objetividade que esta discussão apresenta. Há alguns anos, o editorial do *Wall Street Journal* trouxe um conjunto de argumentos elaborados pelo Professor de meteorologia Richard Lindzen, do Massachusetts Institute of Technology (2009, tradução nossa):

"[...] Com base no fraco argumento que os atuais modelos utilizados pelo IPCC não poderiam reproduzir o aquecimento entre os anos de 1978-1998, sem força externa alguma, e que a única nova variável seria a atividade humana. Mesmo este argumento pressupõe que esses modelos lidem adequadamente com a variabilidade natural interna, isto é, ciclos naturais como El Niño, Oscilação Decadal do Pacífico, a Oscilação Multidécada do Atlântico, etc.

No entanto, os artigos dos principais centros de modelagem reconheceram que o fracasso desses modelos para prever a ausência de aquecimento para os últimos doze anos foi devido à imprecisão dos modelos para explicar essa variabilidade interna natural. Assim, a base para o argumento IPCC para a mudança climática antropogênica mostrou-se falsa. "¹

Esse artigo questionou frontalmente o senso comum ao apontar para a complexidade em se avaliar cientificamente causas e conseqüências dos fenômenos relacionados ao aquecimento global. Nesse sentido, seu autor deu grande contribuição às discussões, explicitando a construção de uma ideologia da preservação que, portanto, distanciava-se dos procedimentos racionais necessários à produção científica.

Apesar das discordâncias, é evidente que existem questões prementes sobre o impacto da atividade humana no meio ambiente. A baixa qualidade de vida

¹ "[...] based on the weak argument that the current models used by the IPCC couldn't reproduce the warming from about 1978 to 1998 without some forcing, and that the only forcing that they could think of was man. Even this argument assumes that these models adequately deal with natural internal variability—that is, such naturally occurring cycles as El Niño, the Pacific Decadal Oscillation, the Atlantic Multidecadal Oscillation, etc.

Yet articles from major modeling centers acknowledged that the failure of these models to anticipate the absence of warming for the past dozen years was due to the failure of these models to account for this natural internal variability. Thus even the basis for the weak IPCC argument for anthropogenic climate change was shown to be false."

nas cidades e a depredação de áreas naturais extensas, por exemplo, se fazem sentir em todo o mundo, e despertam preocupações em grande parte das pessoas. No plano intelectual, isso promoveu o aparecimento de tradições críticas bastante peculiares.

No Brasil, enfatizamos duas tendências: a primeira é conhecida por Teoria da Restauração e, como mencionado, corresponde à evolução das idéias e práticas de restauração dos monumentos culturais; a segunda recebe a denominação de Sustentabilidade na Construção Civil e refere-se a um conjunto de princípios que buscam minimizar o impacto negativo das atividades humanas no espaço – construído ou não.

Etimologicamente, os termos que definem ambas as tradições correspondem a construções históricas. A Teoria da Restauração², por exemplo, surge a partir da constatação dos impactos promovidos pela Revolução Industrial na Europa, especificamente, em áreas históricas dos núcleos urbanos. Como veremos a seguir, certos intelectuais promoveram visões críticas cujo objetivo era assegurar a continuidade dos monumentos culturais, configurados espacialmente como edifícios, igrejas, palácios, obras de arte... De certa maneira, o conjunto de entendimentos que compõe a Teoria da Restauração corresponde, portanto, a aplicação do pensamento científico a área de Patrimônio Histórico. Por outro lado, a idéia de sustentabilidade é mais recente, da segunda metade do século XX, e versa sobre o desenvolvimento de tecnologias capazes de minimizar o impacto da humanização no espaço natural. E assim como os estudos em patrimônio histórico, existem constantes esforços em criar-se uma cultura crítica da sustentabilidade, de bases científicas e que nos permita compreender o equilíbrio dinâmico entre o trabalho humano e os ciclos da natureza.

² A Teoria da Restauração corresponde ao estado da arte de práticas e idéias voltadas à preservação de monumentos culturais. Seu desenvolvimento acontece ao longo dos séculos XIX e XX, a partir de experiências isoladas em países como França, Egito e Brasil posteriormente. Atualmente, a instituição que coordena tais esforços é o *International Council of Monuments and Sites* (ICOMOS), cujos documentos oficiais são: a Carta de Atenas de 1931 e a Carta de Veneza de 1964.

As visões técnicas, entretanto, devem ser inseridas em cenário mais amplo, em que valores éticos somam-se à “objetividade” da civilização ocidental. Isto é, qual a medida da boa intervenção no meio ambiente pré-existente? O que deve ser mantido? O que pode ser modernizado? Quais critérios permitem avaliar tais equilíbrios (lembrando que esse problema não se reduz a questões científicas, mas estende-se a problemas filosóficos)? Por isso, sugerimos que os estudos de caso ocorram em meio a debate específico, sobre o papel de valores coletivos e individuais na preservação. Assim, nas próximas páginas, serão apresentados quatro conceitos fundamentais: restaurações, retrofits, valor cultural e valor autoral. Cada um deles ocupa papel específico no sistema analítico proposto e que, em determinados casos, exigirá a apresentação de conceitos complementares.

1.1.1 Preservação e Sustentabilidade: restaurações e *retrofits*.

Restaurações e Retrofits são os conceitos que melhor representam suas respectivas tradições culturais. É verdade, contudo, que o significado de cada uma dessas palavras encontra diferenças dependendo de quem as profere. Alguns consideram Restaurações e Retrofits termos incompatíveis, quase antônimos; outros, com os quais nos identificamos, esforçam-se por encontrar soluções de projeto que os articulem positivamente. Mas afinal de contas, o que significa cada um deles?

Restauração:

Para compreender seu significado devemos nos referenciar em debate mais amplo, denominado Preservação. Segundo a Professora Beatriz Mugayar Kuhl (2006, p.58):

“Em alguns ambientes culturais, tais como no Brasil e na França, existe um sentido lato associado à palavra preservação, que pode abranger métodos, procedimentos (tais como manutenção, conservação e restauração) ações variadas, formas legais e políticas voltadas à proteção e perpetuação da memória num sentido amplo”.

O entendimento do termo varia de acordo com as tradições e costumes de cada povo, com as maneiras pelas quais a sociedade se organiza para tratar das ações pertinentes e pela abordagem específica de cada classe profissional (arquitetônica, artística, histórica, política,...). Para nós Preservação será tratada como um conjunto de operações críticas que tem por objetivo reconhecer e assegurar a perpetuação de valores coletivos presentes em determinado bem cultural. Aqui, a idéia de restauração desfruta de posição privilegiada, pois assume o caráter da ação propriamente dita. Restaurações são processos críticos, portanto, de identificação e elaboração de valores coletivos presentes no processo de humanização do espaço. Assim, representam prerrogativa para a definição das intervenções mais adequadas à preservação daquele bem imóvel. São obras dessa natureza o restauro do Teatro Municipal de São Paulo, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e da Casa das Retortas.

No cotidiano profissional, como explicitado, o termo é sinônimo de intervenção e abrange tanto os trabalhos dedicados às características originais do imóvel quanto aos processos de modernização. Como veremos adiante, não há que se falar em *retrofits* de edifícios históricos, uma vez que a restauração deve ser concebida à luz das próprias necessidades de reinserção do edifício às atividades atuais. Tais entendimentos são resultado de pelo menos duzentos anos de uma aplicação do pensamento científico a problemas culturais – que é uma segunda maneira de compreender a Teoria da Restauração.

Originalmente, as discussões foram respostas localizadas frente ao impacto destrutivo da Revolução Industrial no patrimônio cultural europeu. Na Inglaterra, por exemplo, destacam-se as reflexões Jonh Ruskin, que em 1889, escreveu “*As sete lâmpadas da arquitetura*” – texto que trata de diversos aspectos da arte. Ao avaliar os edifícios antigos, em “*A Lâmpada da Memória*” expressa suas convicções acerca do valor que a história atribui às construções (2008, p. 82-83):

“[...] que a nossa opção por preservar ou não os edifícios dos tempos passados não é uma questão de conveniência ou de simpatia. *Nós não temos qualquer direito de tocá-los.* Eles não são nossos. Eles pertencem em parte àqueles que os construíram, e em parte a todas as gerações da humanidade que nos sucederão.”

Ele traz ao debate a idéia de valor histórico dos monumentos, enfatizando a importância da concepção original da arquitetura e as marcas impressas pelo tempo em cada monumento, o que representam grande contribuição teórica. Ou ainda, segundo Maria Lúcia Bressan Pinheiro no prefácio da tradução brasileira desse texto (2008, p.21):

“Trata-se de um humanismo puritano, é fato; mas mesmo assim uma crença profunda, quase orgulhosa - e por isso humanista - nas potencialidades humanas, no valor do trabalho humano, que se alterna com uma sincera compaixão pelas vicissitudes e sofrimento de que a vida do homem está repleta [...]"

Já na França, podemos citar Eugene Viollet-Le-Duc, que em 1872 escreveu o livro *Restauroação*. Diferentemente de Ruskin, preocupa-se em compreender o edifício como sistema, para propor intervenções que melhorem sua condição atual.

Imagem 3 – Igreja de St Sernin, Toulouse. Desenhada por Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc.

Fonte: <http://merecath.tumblr.com/post/177458422/the-church-of-st-sernin-at-toulouse-drawing-by>

Em suas palavras, “restaurar um edifício não é mantê-lo, repará-lo ou refazê-lo, é restabelecê-lo em um estado completo que pode não ter existido nunca em um dado momento” (2013, p. 29). Apesar das críticas, seu trabalho alcançou reconhecimento internacional em função da contribuição às técnicas

pertinentes, tais como método de pesquisa, documentação dos trabalhos e preocupações com a conservação dos bens.

São duas visões distintas, porém, influentes para as elaborações teóricas dos séculos seguintes. A contribuição de Ruskin evidenciou a necessidade em se proteger o sentido cultural dos edifícios a partir da compreensão momentânea do significado daqueles para as gerações vindouras. Paralelamente, Le-Duc promoveu avanços técnicos importantes para a conservação e modernização dos edifícios, ao tratá-los como sistemas construtivos. Por isso, os reconhecemos como precursores dessa tradição.

Ao longo do século XX, o debate internacionalizou-se sob a forma de congressos e encontros, o que originou um conjunto de documentos que reconhecemos por Cartas Patrimoniais. A seguir apresentaremos o teor das duas mais importantes, a Carta de Atenas de 1931 e a Carta de Veneza de 1964, os documentos oficiais do ICOMOS. O sentido crítico dos trabalhos de preservação acentua-se através da obra de Camilo Boito (1836- 1914), que apresentou um conjunto de princípios que passaram a ser conhecidas por Restauro Filológico, ou Científico. Tais idéias são descritas pela já mencionada Professora Beatriz M. Kuhl no prefácio da tradução brasileira de *“Os Restauradores”* (2002, p.22):

“Foram enunciados sete princípios fundamentais: ênfase no valor documental dos monumentos, que deveriam ser preferencialmente consolidados e reparados e reparados e restaurados; evitar acréscimos e renovações, que, se fossem necessários, deveria ter caráter diverso do original, mas não poderiam destoar do conjunto; os complementos de partes deterioradas ou faltantes deveriam, mesmo que seguissem a forma primitiva, ser de material diverso ou ter incisa a data de sua restauração, ou ainda, no caso das restaurações arqueológicas, ter formas simplificadas; as obras de consolidação deveriam limitar-se ao estritamente necessário, evitando-se a perda dos elementos característicos ou, mesmo, pitorescos; respeitar as várias fases do monumento, sendo a remoção de elementos somente admitida se tivessem qualidade artística manifestamente inferior à do edifício; registrar obras, apontando-se a utilidade da fotografia para documentar a fase antes, durante e depois da intervenção, devendo o material ser acompanhado de descrições e justificativas e encaminhado ao Ministério da Educação; colocar uma lápide com inscrições para apontar a data e as obras de restauro realizadas”

Suas idéias contribuíram para a construção de uma visão analítica do problema, pois enfatizaram o reconhecimento do valor documental dos bens, já tratada por Ruskin. Todavia, apesar da relevância do trabalho de Boito, seu devido

reconhecimento só ocorre a partir da revisão teórica elaborada por Gustavo Giovanonni (1873-1947), que fundamentou o texto da Carta de Atenas de 1931.³ No documento existem dois pontos importantes que estão diretamente relacionados ao Restauro Filológico:

1) Restaurar não é sinônimo de reconstruir, mas de valorizar os elementos originais e apresentar soluções que os consolidem: Com a carta, fica claro que o processo de restauração envolve preocupações críticas e metodológicas mais profundas. A intervenção física é parte do processo e depende de decisões anteriores, estabelecidas através de reflexões e procedimentos racionais de valorização da dimensão histórica do bem.

2) A necessidade de se criar instituições capazes de gerir esse conjunto de obras intermediando o interesse da coletividade com o próprio sentido de propriedade privada: em diversos países, como França e Egito, existiam legislações específicas, demonstrando um nível de amadurecimento das discussões maior que o brasileiro, cuja institucionalização só ocorreu em 1937, com a criação do SPHAN.

Isso evidencia a crescente preocupação dos pesquisadores em tratar o problema da restauração como objeto específico de pesquisa, o que também é visível no desenvolvimento dos debates nas décadas seguintes. Por exemplo, a Carta de Veneza de 1964. Assim como Boito foi fundamental para a primeira Carta Patrimonial, Cesare Brandi ofereceu a base teórica para o avanço das discussões (KUHL, 2010, p. 295):

“A Carta de Veneza é herdeira direta do restauro crítico e, indiretamente também da teoria brandiana. Roberto Pane, na conferência de abertura do Congresso de Veneza, fez referência explícita aos preceitos teóricos de Cesare Brandi, que em 1963, ano anterior ao congresso, havia publicado dois textos de fundamental importância: o verbete “Restauro”, na Enciclopedia Universale dell’Arte; e Teoria da Restauração.”

³ A carta homônima redigida por Le Corbusier é de 1933, ou seja, dois anos mais nova.

Em 1963, com a publicação de Teoria da Restauração ele oferece importante conceituação à comunidade científica (2004, p.30): “[...] a restauração constitui o momento metodológico do reconhecimento da obra de arte, na sua consistência física e na sua dúplici polaridade estética e histórica, com vistas a sua transmissão para o futuro”. A teoria passa a ser denominada restauro crítico e apresenta distinções em relação ao restauro filológico. Ele aceita princípios de Boito e sua preocupação com o valor documental. Todavia, não se limitava a esse caráter das obras. Acrescenta a dimensão estética ao debate e, conseqüentemente, amplia as possibilidades de intervenção e recuperação de sítios históricos em maior escala (o que foi fundamental durante a reconstrução européia do pós-guerra).

Apesar da originalidade da abordagem de Brandi, o problema já era de conhecimento dos estudiosos. Por exemplo, a historiadora Hanna Levy escreve artigo chamado, *Valor histórico e artístico: importante problema da história da arte* (LEVY, 1940) em que já apresenta a questão em sua complexidade. Entretanto, a abordagem não fora estendida à preservação de bens culturais, mas aplicada à História da Arte de modo geral. Brandi foi o primeiro a utilizá-la dessa maneira e o impacto pode ser mensurado através da influência exercida na elaboração da Carta de Veneza. Até hoje ele é considerado o principal teórico do século XX.

Hoje o estado da arte pode ser sintetizado a partir de cinco princípios:

a) Distinguilidade: evidenciar e documentar as diversas etapas da “vida” o monumento, deixando claro ao observador as diferenças de intervenção em cada período;

b) Mínima intervenção: as restaurações devem primar pela consolidação das estruturas históricas, sem desconfigurá-las;

c) Reversibilidade: compreendendo-se a necessidade de modernizar as edificações, deve se levar em conta as possibilidades de voltar-se ao estado anterior da obra, antes da restauração;

d) Retrabalhabilidade: facilitar os trabalhos futuros tendo em vista o próprio princípio de reversibilidade;

e) Compatibilidade de técnicas e materiais: a evolução das técnicas e materiais modernos deve contribuir para a preservação do bem imóvel, cuidando sempre do bom funcionamento do sistema com seus materiais originais e contemporâneos.

Eles representam a consagração das observações integrantes da Carta de Veneza, ainda que apresentem maior grau de elaboração. Afinal, são pelo menos 50 anos de experiências novas no âmbito da Preservação. Como fruto de tais esforços foram redigidos diversos outros documentos, como a Carta de Nara, a Carta de Burra,..., em que são apresentadas particularidades das discussões pelo mundo. O Brasil respeita tal tradição. Apesar das dificuldades em viabilizarem-se iniciativas dessa natureza, é fato que crescem o número de intervenções e de profissionais devidamente qualificados para enfrentar o problema. Nesse sentido, a realização da nossa pesquisa insere-se nesse amplo debate, de consolidação e avanço da cultura de Preservação.

Retrofit:

O termo “[...] tem sua origem na indústria aeronáutica, da junção do termo “retro”, que vem do latim e significa movimentar-se para trás, e do termo ‘fit’, que em inglês significa adaptação, ajuste” (VALE, 2006, p.130). O conceito associa-se à atualização de equipamentos e sistemas obsoletos, para que possam ser reaproveitados em processos produtivos. A palavra foi adaptada para a arquitetura ao qualificar a modernização de edificações deterioradas e sua reinserção às dinâmicas urbanas na Europa e nos Estados Unidos a partir da década de 1990. Esse conceito é central no debate sobre o impacto da construção civil no meio ambiente uma vez que sintetiza uma série de princípios presentes na visão que vem sendo consagrada.

Contudo, antes de explorá-la, faz-se *mister* compreender o universo em que ele está inserido. As primeiras referências a esse debate acontecem no século XIX, como produto das preocupações de intelectuais como o próprio John Ruskin em relação ao impacto da revolução industrial no meio ambiente (2008, p. 84):

“A própria serenidade da natureza é gradualmente arrancada de nós; milhares [de pessoas] que, outrora, em viagens necessariamente demoradas, foram submetidos à influência do céu silencioso e dos campos adormecidos, mais efetiva do que advertida ou confessada, agora carregam consigo, até mesmo lá, a febre incessante de suas vidas; ao longo das veias de ferro que atravessam o arcabouço do nosso país, batem e fluem os pulsos ígneos de seu esforço, mais quentes e mais rápidos a cada hora. Toda a vitalidade se concentra através dessas artérias pulsantes em direção às cidades centrais; o campo é transposto como um mar verde por pontes estreitas, e somos jogados em multidões cada vez mais densas sobre os portões da cidade. Lá, a única influência que pode de alguma forma tomar o lugar daquela dos bosques e campos, é o poder da Arquitetura antiga. “

Ou seja, existe uma aproximação entre os primórdios da sustentabilidade e da Teoria da Restauração. Todavia, o esforço de sistematização dos conceitos só acontece a partir da segunda metade do século passado, através de um conjunto de debates internacionais. A ONU promoveu conferências e encontros para debater os problemas ambientais. Entre 1972 e 2002, foram 13 oportunidades, dentre as quais destacamos *O Nosso Futuro Comum* (1987), que validou o conceito de desenvolvimento sustentável; *a Cúpula Terra* (1992), realizada na cidade do Rio de Janeiro; e o *Protocolo de Kyoto* (1997), sobre o aquecimento global. Portanto, se a Teoria da Restauração formalizou-se nas Cartas Patrimoniais, a sustentabilidade o fez através dos Acordos Ambientais Internacionais. Segundo Marcos Eduardo Serrador (2008, p.25):

“O tema ambiental vem sendo amplamente abordado desde uma primeira conferência realizada pelas Nações Unidas em Estocolmo no ano de 1972. Desde então novas discussões foram realizadas nesse âmbito, com o lançamento em 1987 do relatório *Nosso Futuro Comum* (Relatório Bruntland), que trouxe consigo o conceito de desenvolvimento sustentável e uma nova abordagem para o tema do meio ambiente, deslocando as discussões para uma abordagem mais sistêmica”.

A idéia de desenvolvimento sustentável integra a agenda internacional. O conceito parte da necessidade em garantir para as gerações futuras (no mínimo) a mesma disponibilidade de recursos naturais que temos hoje. Contudo tal sentido passou por inúmeras alterações de acordo com o segmento econômico que o

incorporou. Para *Normam + Partners*, por exemplo, a definição de arquitetura sustentável é “(...) a criação de edificações eficientes do ponto de vista energético, saudáveis, confortáveis, de uso flexível e projetadas para terem uma longa vida útil” (EDWARDS, 2008, p.20). Esse caso ilustra a incorporação de tais preocupações na formulação dos programas arquitetônicos e urbanístico. Esse mesmo autor ressalta a participação de outros arquitetos proeminentes no debate (2008, p.44):

“A contribuição do arquiteto Richard Rogers no âmbito da cultura do projeto sustentável não deve ser subestimada. Sua atuação como presidente da Urban Task Force no Reino Unido, em 1999, foi determinante para direcionar a atenção do governo às áreas urbanas e à importância do projeto sustentável.”

Paulatinamente o debate assumiu feições mais claras, voltadas à arquitetura e a construção civil. Em 2008, a Federação das Indústrias de Minas Gerais publicou o Guia da Sustentabilidade na Construção, em que apresenta os princípios da sustentabilidade para a indústria da Construção Civil no Brasil:

- a) Incentivar práticas construtivas de baixo impacto no meio ambiente;
- b) Desenvolver mecanismos de racionalização no consumo de recursos financeiros, energéticos, materiais e humanos;
- c) Utilizar apenas materiais certificados;
- d) Adotar alto grau de formalização das relações profissionais
- e) Investir em soluções que se utilizem de estruturas pré-existentes, tais como operações de retrofit⁴.

Em linhas gerais, tais princípios preconizam maior integração com o meio ambiente – natural e cultural, potencializam a utilização de recursos energéticos, hídricos, financeiros e humanos, além de garantir formalidade à cadeia produtiva. Ou seja, estabelece premissas técnicas e sociais. Entretanto, eles também expressam uma postura tecnocrática, pouco voltada à cultura crítica. Assim, do ponto de vista de processos e procedimentos, dois elementos chamam a atenção:

⁴ Guia da sustentabilidade da Construção, FIEMG 2008

- 1) A definição dos tipos de material a serem empregados na construção civil e;
- 2) O potencial de reciclagem das estruturas construídas.

A escolha dos materiais deve seguir uma lógica regional, isto é, a especificação de materiais pesados deve levar em consideração à disponibilidade de areia, pedra, brita, tijolos, cimento,... nas proximidades do sítio em questão. As justificativas envolvem desde a quantidade de CO₂ emitidos pelo transporte de material, até a capacidade de se contribuir para o fortalecimento das técnicas tradicionais de construção (e seus benefícios econômicos às comunidades envolvidas) de cada região.

Para materiais leves, o problema é diferente. Produtos desse tipo passam por processos com elevados consumos energéticos:

Material	Energia Incorporada (kWh/t)
Aço	7.000
Alumínio	28.000
Cobre	18.000
Madeira	1.000
Vidro	2.000

Tabela 1: Energia Incorporada de diferentes materiais de construção
 Fonte: Guia Básico para a Sustentabilidade, Edwards, 2006, p.134.

Ao contrário dos materiais pesados, são elementos que exigem procedimentos mais complexos, cuja produção restringe-se a unidades fabris de maior aplicação tecnológica e que se concentram em determinadas regiões. Nesses casos, o problema do deslocamento (frete) e da consolidação de tendências vernaculares fica em segundo plano. Para os estudiosos, é importante que tais elementos construtivos sejam concebidos sobre a perspectiva da reciclagem. Com

isso, idealiza-se potencializar o uso do material e de toda a energia incorporada a sua manufatura por um período mais longo que a vida útil de um único edifício.

São questões que permitem a primeira aproximação conceitual do universo da sustentabilidade com o da preservação, ou ainda, dos retrofits às restaurações. Isso porque as construções antigas apresentam tais preocupações sob outra conceituação, principalmente, entre aquelas que foram construídas a partir do final do século XVIII, já com elementos industrializados. No geral eram edifícios que articulavam técnicas tradicionais (portanto locais) a sistemas inovadores de construção, com a incorporação das estruturas metálicas produzidas na Inglaterra, França e Alemanha. Esse aspecto será explorado mais ostensivamente quando realizarmos nossos estudos de caso. Por hora, é importante identificar esse ponto de encontro conceitual.

Os retrofits são práticas complexas que se utilizam desses princípios. Além das possibilidades de instalação de tecnologias de controle energético e hídrico, há um sentido de reaproveitamento de todo o trabalho empregado anteriormente na construção original e que, normalmente, encontra-se subutilizada. Existem casos que enfatizam elementos positivos dessa tendência.

Em Belo Horizonte, a Construtora Diniz Camargos Ltda. vem desenvolvendo uma série de empreendimentos imobiliários residenciais a partir do *retrofit* de edifícios originalmente construídos na segunda metade do século XX. Dentre as iniciativas, destaca-se o Residencial Chiquito Lopes de 2007, um edifício comercial com 12.000m² que deu lugar a 167 unidades habitacionais, além de um estacionamento rotativo e algumas lojas no pavimento térreo.

Além da racionalização do uso dos recursos disponíveis, esse tipo de proposta é considerado importante contribuição na redução do déficit habitacional e, conseqüentemente, na requalificação das áreas centrais das grandes cidades. Desde 2009, por exemplo, a Prefeitura Municipal de São Paulo, através da COHAB em parceria com a FAU – USP desenvolveu um amplo levantamento de edificações abandonadas no centro da cidade. O Objetivo foi identificar imóveis passíveis de desapropriação pública para a produção de unidades residenciais. Esse programa recebeu o nome de Renova Centro e, apesar da inexistência de resultados

concretos até aqui, revela a percepção dos agentes políticos envolvidos sobre a relevância do uso habitacional em programas urbanísticos. De fato, os retrofits são considerados por muitos instrumentos privilegiados para requalificações urbanas.

Imagem 4 – Planta do Residencial Chiquito Lopes: Belo Horizonte

Fonte: Acervo Construtora Diniz Camargos.

Infelizmente, todo esse potencial prático não se desenvolve com o mesmo vigor no universo acadêmico (SERRADOR, 2008, p.19) :

“Várias pesquisas têm sido feitas no campo da construção sustentável dentro e fora do país. Grande parte destas pesquisas concentra-se no estudo de materiais e tecnologias alternativas dentro de nichos muito específicos de mercado. Outras estão centradas na reutilização de resíduos industriais na produção de materiais de construção. Nota-se, no entanto, numa carência de foco na fase de projeto como possível gatilho para mudanças de forma estratégica do processo produtivo de edifícios e das práticas de mercado”.

Ou seja, o debate teórico ainda ressenete-se de abordagens críticas melhor estruturadas. Segundo Brian Edwards, no Reino Unido, isso se dá em razão de um conjunto de circunstâncias (2008, p. 46-8):

“1. Há uma interpretação muito ampla do termo sustentabilidade nos diferentes cursos superiores relacionados à Construção Civil, no Reino Unido. Apesar da definição de Brundtland constar em muitas bibliografias como um conjunto unificado de valores, na

verdade sua interpretação não é universal, mas varia em função das diferentes disciplinas. [...]

2. As organizações profissionais exercem uma grande influência sobre a prioridade conferida à sustentabilidade dentro dos currículos acadêmicos dos cursos universitários. O fato de várias dessas organizações estarem envolvidas, como RIBA, ARB, ICE, RICS, CIBSE, CIOB, RTPI, provoca uma grande diversidade de abordagens dentro dos cursos que elas validam [...]

3. Onde o projeto e a construção sustentáveis são ensinados, parece haver pouca relação entre os conhecimentos administrados por meio de aulas teóricas e transmitidos em aulas práticas ou nos ateliers de projeto. Da mesma forma, há pouca relação entre o que é ensinado nas Universidades e os temas que estão sendo pesquisados no âmbito da sustentabilidade.

4. Com exceção de poucos e notáveis casos, o desenvolvimento de edificações nos campi universitários raramente expõem os alunos (e o corpo acadêmico) à realidade do projeto arquitetônico sustentável e da boa gestão sustentável[...]

5. Parece haver pouca relação entre os cursos técnicos e os centros de ensino superior no âmbito do projeto, da tecnologia e da construção sustentável. ”

Concordamos que isso também se aplica à realidade brasileira. São necessários esforços no sentido de produzir vocabulários de maior aceitação, corroborando para a criação de cursos – técnicos e superiores, que apresentem homogeneidade ao tratar do assunto, e que aproximem o atual debate da realidade profissional. Contudo, nos parece oportuno acrescentar um elemento marcante da cultura de sustentabilidade: o conhecimento restringe o problema ao debate tecnológico. Em *Procedimentos de sustentabilidade ecológicos na restauração dos edifícios citadinos*, de Glaucus Cianciardi e Gilda Collet Bruna, ficam evidentes tais características (BRUNA; CIANCIARDI, 2004, p.115):

“O retrofit busca a eficiência do edifício e sua sincronicidade com o tempo presente, dentro das limitações físicas de sua antiga estrutura; com a vantagem da redução do prazo de construção e a adequação geográfica do imóvel dentro do contexto da cidade. A estes fatores faz-se necessário conscientizar os usuários e os gestores da construção civil, que desenvolvem ou venham a desenvolver esta modalidade de reabilitação, parâmetros de sustentabilidade ecológica nos procedimentos desta atividade que por si só se revela uma veemente ferramenta de sustentabilidade ecológica que deve ser apreciada e implementada principalmente nos grandes centros urbanos do país.”

Esse tipo de conduta, de ênfase nas técnicas e tecnologias em detrimento de análises críticas sofre influências do positivismo. Isto é, valoriza os procedimentos empíricos, relegando ao segundo plano as preocupações críticas. Frequentemente, produz conceituações de valor relativo, uma vez que ignoram elementos teóricos provenientes de tradições de maior longevidade. Para exemplificar, citamos o trabalho da pesquisadora Alejandra Divecchi, *Reformar não*

é *Construir*, que elaborou extenso levantamento sobre edifícios deteriorados no centro da cidade de São Paulo (DEVECCHI, 2010, p.266):

“**1. Reabilitação**, consistindo na recuperação das condições de uso inicialmente existentes. A reabilitação pode também envolver o uso de tecnologias para melhorar o funcionamento da casa visando a diminuição do consumo de água e energia assim como diminuindo os efluentes, denominando-se retrofit. Caso a edificação seja considerada com valor patrimonial, este processo pode ser caracterizado como restauro,...”;

“**2. Reciclagem ou Reconversão**, consistindo na transformação de uso da edificação com intervenções concentradas a provisão de infra-estruturas adequadas para o novo uso. A reciclagem também pode envolver processos de retrofit e restauro.”

A pesquisa apresenta o potencial de reocupação do centro da cidade e sugere possibilidades de articulação entre distintos agentes da indústria da construção civil. Todavia, do ponto de vista da Teoria da Restauração, tal conceituação não contempla questões de ordem cultural, abstendo-se de questões essencialmente críticas. Por exemplo, termos como reabilitação, reciclagem e reconversão não apresentam o assunto em toda a sua complexidade, ao se fundamentarem em valores atuais, tais como uso e ocupação, sem atribuir-lhes valores históricos e filosóficos, também importantes para a definição das estratégias de preservação a serem adotadas. Em outras palavras, definir se esse ou aquele imóvel será residencial ou comercial depende de conhecimentos que transcendem conveniências imediatas.

Apesar da necessidade em ampliar os valores críticos presentes nas teorias de sustentabilidade, a contribuição prática dos seus adeptos é de grande valor para a preservação de edifícios (tombados ou não). A aceitação dos princípios preconizados por essa tradição recente mostra-se maior que as próprias concepções da Teoria da Restauração. Os critérios de sustentabilidade passaram a integrar a formulação dos programas de atividades contemporâneos e, conseqüentemente, no próprio desenvolvimento das atividades regulares da construção civil. Por exemplo, no debate da certificação dos materiais utilizados em obra, na adição de tecnologias que reduzam o consumo energético das edificações, e na criação de metodologias para a avaliação das ocupações contemporâneas naqueles imóveis. Ou seja, é razoável acreditar que a articulação dos

conhecimentos de ambas as tradições pode dar respostas positivas aos problemas ambientais.

Portanto, a escolha do título dessa dissertação resulta do entendimento que as restaurações e retrofits sintetizam as duas tradições que nos dispomos a estudar. A primeira tem pelo menos 200 anos e é concebida a partir de debates amplos, de caráter sistêmico, voltados ao reconhecimento de valores coletivos em bens históricos. Envolvem matérias complementares como a História, a Estética e a Técnica. É, na verdade, produto da Teoria da Restauração. Por outro lado, a “cultura dos retrofits” é recente e se estabelece a partir de concepções voltadas à sustentabilidade. Trata de qualquer edificação que esteja disfuncional, modernizando-a a luz de certos princípios. Sua produção teórica é menos expressiva, contudo suas práticas usufruem de amplo aparato internacional para desenvolver-se incorporando visões mais críticas.

Quando comparamos uma à outra fica evidente que existem articulações possíveis e desejáveis. Por exemplo, o estilo eclético caracterizou-se por preocupações técnicas e tecnológicas alinhadas a práticas de sustentabilidade, ainda que isso não fizesse parte do repertório dos arquitetos e construtores da época. Os projetos privilegiavam a salubridade dos ambientes, com grandes aberturas que permitiam tanto a iluminação natural quanto ventilações cruzadas. Além disso, os materiais utilizados apresentavam uma mistura de sistemas construtivos tradicionais tais como as alvenarias duplas em tijolos de barro (que permitiam uma variação pequena das temperaturas internas) e os pisos em madeira, além de introduzir elementos industrializados passíveis de reciclagem. Isto é, a análise de intervenções contemporâneas em edifícios ecléticos mostra-se atual e alinhada com uma nova visão de integração desses universos.

1.1.2 Valores Coletivos e Valores Individuais

Existem critérios complementares para a avaliação da qualidade dos projetos de intervenção em edifícios históricos. São elementos que estão além dos resultados imediatos, que nos impelem a avaliar as tendências atuais, exigindo reflexões de teor filosófico. Até aqui, tratamos de caracterizar o debate de preservação, enfatizando possibilidades de convergência das tendências mais importantes. Contudo, determinados aspectos da dimensão cultural e artística do problema nos auxiliarão na análise dos objetos desse estudo. Tais aspectos referem-se às relações entre a coletividade e a individualidade no plano específico do projeto de arquitetura. A essas dimensões daremos o nome de Valor Cultural e Valor Autoral respectivamente. Sua leitura se dará através do partido arquitetônico (KUHL, 2006, p.150):

“A forma de articulação do novo com o preexistente é uma questão muito difícil e de grande urgência e atualidade, que exige uma abordagem aprofundada de aspectos amplos e complexos da realidade e deve estar vinculada de modo indissolúvel com a prática arquitetônica... Feitos estudos e análises aprofundados, o problema do projeto arquitetônico em si está apenas começando e encontrará soluções, sempre de pertinência relativa, dentro de uma cultura arquitetônica.”

Como mencionado, o debate envolve posturas distintas. Contudo, é razoável pensar que desse “encontro” podem sair soluções de grande valor arquitetônico. Ou como nos apresenta Vladimir Safatle (SAFATLE, 2012, p.73):

“Um dos sinais da inteligência consiste na capacidade de saber operar distinções. Pensando em algo parecido, Pascal costumava dividir os homens entre aqueles que têm espírito de finesse e aqueles que têm espírito de geometria. Os primeiros eram capazes de se fixar e imergir nos detalhes, encontrar distinções sutis, mas corriam o risco de se perder em suas sutilezas. Já os segundos conseguiam apreender rapidamente totalidades, como um geometra que desenha figuras. No entanto, eles corriam o risco de cegar-se para aquilo que não era tão grande. Era claro que a verdadeira inteligência estava na capacidade de viver entre dois espíritos, como se um precisasse a todo o momento corrigir a hipóstase do outro.”

Note que *finesse* significa distinção, delicadeza, uma atribuição necessária a “alma” dos artistas, enquanto os geometras caracterizam-se pelo domínio do

funcionamento de certos sistemas. Não há semelhança entre as posturas aqui debatidas? Por isso consideramos razoável afirmar que tanto a Teoria da Restauração quanto as discussões em sustentabilidade na construção civil apresentam contribuições à cultura de Preservação. Dois projetos de autoria de Norman Foster elucidam a questão: o parlamento alemão (1992-1999) e sua intervenção no British Museum (1994-2000).

Imagem 5: Reichstag – Corte

Fonte: Coleção Folha de São Paulo

O *Reichstag* foi destruído ao longo do século XX, sofrendo sérios danos durante a segunda guerra mundial. No entanto, ele foi restaurado e transformado em sede do parlamento europeu. O edifício foi modificado, privilegiando estruturas metálicas que permitem a captação de luz e ventilação naturais. Também foram criadas áreas de convivência na cobertura, promovendo mirantes e serviços de alimentação. O símbolo desse projeto é a clarabóia invertida no meio do edifício. Já o projeto para o museu londrino envolveu o encerramento do pátio interno – onde existia um jardim, através da instalação de uma cobertura zenital ordenada a partir de uma biblioteca central, cujo desenho é um prisma de base circular. Note que esse elemento permite a captação da luz direta, ao mesmo tempo em que favorece os sistemas de climatização necessários à preservação dos acervos de museu e à proteção das baixas temperaturas do inverno europeu. Como podemos observar, o caráter autoral é bastante marcante em ambas as propostas. O

arquiteto, em seu discurso oficial, apresenta as soluções como respostas adequadas às demandas ambientais, com baixo consumo de energia elétrica tanto para iluminação quanto para a climatização, ao mesmo tempo em que recupera o sentido cultural dos espaços originais. O resultado arquitetônico de ambas as experiências configura orientação consagrada pelo trabalho do próprio Norman Foster, e seu impacto se faz sentir em projetos brasileiros, como o Centro Cultural dos Correios na cidade de São Paulo.

Na produção acadêmica recente também existem trabalhos que apontam para a articulação de tendências distintas. Notam-se esforços crescentes na sistematização de informações sobre edifícios históricos com amplo enfoque tecnológico e que tratam a própria restauração como parte do processo de aprendizado (APPLETON, 2011, p. 4):

“Considera-se que há essencialmente duas posições distintas quanto ao estudo dos edifícios antigos e das soluções tradicionais de construção: a primeira corresponde ao caminho, até agora seguido, de realizar estudos essencialmente documentais, aplicados a casos concretos, sejam casos de edifícios isolados, sejam conjuntos de unidades com uma certa homogeneidade. A segunda possibilidade consiste na condução de estudos organizados cientificamente, realizados em laboratório e sobre protótipos – os próprios edifícios antigos.”

Na Europa, os estudos sobre Patrimônio caracterizam-se cada vez mais pela abordagem tecnológica, uma vez que o material tende a ser sistematizado cientificamente. Centros de Estudos como o LNEC – Laboratório Nacional de Engenharia Civil, em Lisboa, contribuem nesse sentido e oferecem metodologias importantes para o tratamento adequado dos edifícios antigos. No Brasil, tais análises começam a surgir com maior intensidade. Centros como o Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo (IPT) desenvolvem serviços importantes no apoio das obras de restauração. Oferecem análises físico-químicas capazes de identificar a composição das argamassas originais, bem como identificar os tipos de madeira e suas respectivas resistências nas coberturas dos edifícios antigos. Faz parte desse movimento outro tipo de estudo que é particularmente interessante: as Análises de Desempenho aplicadas a edificações históricas (SOARES, 2012, p.84):

“Em um projeto de manutenção, destinado a um edifício qualquer, as questões a serem respondidas são as seguintes: Como é possível realizar a manutenção? Como vai ocorrer a degradação? Quais são as conseqüências? Qual é a evolução das necessidades dos usuários? Em um projeto destinado a ser preservado, apenas a última questão precisa ser alterada para: Qual é a evolução das necessidades do edifício?

Tal abordagem reforça a tendência na produção acadêmica brasileira, que se volta gradativamente aos objetos de estudo de maneira científica – tal qual na Europa – e nos parece uma expressão dessa aproximação de tradições que procuramos apresentar até aqui. É um movimento amplo voltado à reinserção dos edifícios às atividades urbanas contemporâneas.

Como podemos perceber existem dinâmicas que permitem maior racionalidade para o desenvolvimento dos projetos de modernização dos edifícios, seja em termos de documentação disponível, seja da análise científica das informações referentes ao imóvel. Mas, se é possível preservar a partir da modernização das edificações históricas, como avaliar a boa medida da intervenção contemporânea no espaço original?

Para responder essa questão – consciente de que qualquer resposta é relativa à nossa própria cultura – recorreremos a dois conceitos: o valor cultural e o valor autoral, presentes nas práticas de restauração e *retrofits*. As reflexões do professor Júlio Roberto Katinsky representam ponto primordial para este trabalho. No texto *Quatro Conceitos – palavras: Conhecer, Conhecimento Científico, Técnica e Tecnologia*, este autor discute a construção histórica dos termos, evidenciando o desenvolvimento da cultura ocidental como fruto do pensamento científico e das práticas políticas após o século XVI. Mais especificamente, o texto apresenta a produção do conhecimento como fenômeno social, que pode expressar-se individualmente ou coletivamente (2011, p.23):

“Pode-se dizer então que “conhecer” e “técnica” são fenômenos sociais que incidem preponderantemente através de “vontades individuais”. Ciência e Tecnologia são fenômenos que dependem de “vontades coletivas”. Ou seja, são fenômenos eminentemente políticos”.

Essa percepção fundamenta a dimensão crítica desta pesquisa, aproximando-a de abordagem filosófica, além de permitir alinhamentos tanto com

a Teoria da Restauração, onde o significado cultural sobrepõe-se a todos os demais aspectos que envolvem o bem imóvel, quanto com as discussões sobre sustentabilidade na construção civil, que promovem valores pragmáticos. Metodologicamente, portanto, a assunção de que os projetos podem ser avaliados sob a ótica dessas duas dimensões da vida – da coletividade e do indivíduo – oferece amplas possibilidades de aprofundamento crítico. Ou ainda, nas palavras de Celso Furtado (2012, p.51):

“Cultura para mim, é a dimensão qualitativa de tudo que cria o homem. E o que tem sentido profundo para o homem é sempre qualitativo. É corrente que nos preocupemos com cultura, quando esta se apresenta em suas formas mais significativas, quando o qualitativo nos escolta o espírito. Os objetos de arte, pelo fato de que incorporam uma mensagem que nos toca a sensibilidade, a imaginação, com freqüência respondem as necessidades profundas de nosso espírito, aplacam a nossa angústia de seres a um só tempo gregários e solitários. O Homem, com seu gênio criativo, dá significação às coisas, e são essas coisas impregnadas de significação que constituem a nossa cultura.”

O valor cultural é de natureza coletiva e o valor autoral é expressão da criatividade individual; o valor cultural é avaliado nos planos científico e tecnológico, e o valor autoral, como expressão artística. Assim, e nos desculpem se soamos redundantes, avançaremos sobre cada um desses conceitos, enfatizando outras idéias relacionadas, e sua importância para o debate de preservação, principalmente em relação aos valores éticos presentes.

O Valor Cultural:

Valor é, “[...] em geral, o que deve ser objeto de preferência ou escolha... O uso filosófico do termo começa só quando o seu significado é generalizado para indicar qualquer preferência ou escolha” (ABBAGNANO, 1970, p.952). Assim, cada valor que apresentamos aqui resulta de uma escolha específica, daquilo que julgamos mais pertinente para a realização das análises sobre as práticas contemporâneas de preservação no país. São atribuições definidas para cada projeto aqui analisado.

Cultura, por outro lado, é “[...] a formação do homem, o seu melhorar-se e refinar-se, além do produto dessa formação” (ABBAGNANO, 1970, p.209).

Corresponde a processo caracterizado por dois sentidos distintos: um de evolução e outro de integração. O primeiro atribui à cultura seu desenvolvimento, um processo contínuo de acumulação e produção de novas sínteses. Já o segundo, decorre da crescente aproximação dos povos, o que se intensifica no mundo globalizado. É importante frisar que ao falar de cultura nacional não se ignora o papel de fenômenos internacionais na construção da identidade brasileira. Por isso, ao pensar a Cultura de Preservação no Brasil, enfatizamos o sentido de desenvolvimento das práticas e teorias além de inseri-las em cenário amplo, resultado de um conjunto de fenômenos endógenos e exógenos.

Apresentado o significado dos termos em separado, pode-se dizer que o valor cultural representa um conjunto de conteúdos de caráter coletivo, que merecem ser documentados para a posteridade, pois guarda íntima relação com o processo de construção da nossa identidade como povo. Nas palavras de Françoise Chouay (2001, p. 206):

“A construção icônica e textual do corpus das antiguidades, tanto clássicas quanto nacionais, permite às sociedades ocidentais prosseguir seu duplo trabalho original: construção do tempo histórico e de uma imagem de si mesma enriquecida de modo progressivo por dados genealógicos.”

Cientificamente, o valor cultural tem seus significados reconhecidos e qualificados pelas humanidades, especificamente pela História e pela Estética. A própria Teoria da Restauração adotou essa estrutura de análise a partir da segunda metade do século XX. Exemplificamos a aplicação metodológica do valor cultural através da nossa escolha metodológica, os conjuntos ecléticos produzidos em São Paulo na passagem do século XIX para o XX. A chegada do “estilo” a São Paulo se dá na segunda metade do século XIX, apoiada em duas correntes de pensamento (REIS FILHO, 1970, p. 185): “De um lado o positivismo, procurando estimular o desenvolvimento e o amadurecimento tecnológico do país, criando condições de receptividade para todos os aspectos da tecnologia da era industrial e, de outro, o Ecletismo” – filosófico – “propondo uma conciliação que facilitava essa transformação, assimilando inovações aos padrões anteriores”.

Imagem 6: Teatro Municipal de São Paulo

Fonte: <http://www.movimento.com/2011/06/municipal-de-sp-reabre-amanha-para-o-publico/>

Por muito tempo, essa arquitetura foi encarada como um conjunto de soluções incoerentes, de pouca contribuição para a cultura brasileira. E ainda hoje, há pesquisadores importantes que reforçam tal sentido (STROETER, p.126):

" [...] a melhor descrição do conjunto da arquitetura do século XIX passou a ser ' ecletismo' : *eklectikós* = apto a escolher, que escolhe. Nesse período, selecionando os elementos de diferentes fontes, os arquitetos produziram a miscelânea mais heterogênea de estilos imaginável, com variações diversas: gótico, gótico rococó, (...), não houve tentativas estruturadas e conscientes de criar um sistema arquitetônico novo."

Essa visão foi apoiada pela emergência modernista, cuja postura se contrapunha às dinâmicas aristocráticas que envolveram o ecletismo. Não se ignora isso. Porém, desde a exposição sobre a escola de Belas Artes no MOMA, em 1975, e da publicação do catálogo *"The architecture of the École de Beaux – Arts"*, de Arthur Drexler, ficou evidente que existem aspectos importantes desta produção. As inovações técnicas e tecnológicas contribuíram sobremaneira para o melhor aproveitamento das possibilidades advindas da racionalização da construção. Isso decorreu de um fenômeno em que as noções de forma e função aproximaram-se, criando as bases para o futuro desenvolvimento da austera arquitetura moderna.

Historicamente, portanto, a viabilização do ecletismo na cidade de São Paulo pode ser atribuída a dois fenômenos históricos: as mudanças do ambiente da construção civil depois da segunda Revolução Industrial e; a introdução da

economia cafeeira no estado. Tais eventos criaram as bases materiais necessárias para as inovações observadas na região, quando da passagem da “cidade de taipa” para a “cidade de tijolos” (LEMOS, 1989).

Ao longo do século XVIII, a concepção arquitetônica européia sofreu profundas modificações. A emergência social da burguesia e as possibilidades de industrialização da construção inovaram tanto a concepção espacial quanto a maior racionalidade das rotinas construtivas. Nas palavras da arquiteta Cristina Wolf de Carvalho (2000, p. 23):

“a Academie da virada do século procura adequar a visão já ultrapassada de uma arquitetura modelada na pirâmide social e nos valores absolutos da arte às conquistas recentes da ciência e da técnica. A escola Politécnica, em contrapartida, ao privilegiar a natureza utilitária da arquitetura, ao tratar de responder com eficácia às novas exigências da esfera de responsabilidade do arquiteto e, principalmente, ao entendê-la como afeta do campo científico, estará respondendo às demandas dos novos tempos e de uma nova organização social”.

Essa mudança qualitativa na percepção dos problemas arquitetônicos mantém estreita relação com as possibilidades promovidas pela Revolução Industrial – a produção de elementos construtivos em série e sua incorporação ao cotidiano urbano. A criação de novos “estilos” respondia adequadamente a essa demanda industrial e pode-se dizer que o ecletismo foi, nesse aspecto, o fenômeno cultural que mediou a exportação de produtos industrializados da Europa para outros países naquele período. No Brasil, porém, uma série de dinâmicas permitia a consolidação de circunstâncias que viabilizaram a entrada desses produtos no mercado interno:

- a) A acumulação primitiva gerada pela atividade cafeeira;
- b) O desejo das elites emergentes em produzir cenários urbanos compatíveis com os europeus;
- c) A substituição da mão-de-obra escrava pelo trabalho dos imigrantes europeus,
- d) A participação de arquitetos estrangeiros no desenvolvimento de projetos representativos residenciais e institucionais;

e) O surgimento dos primeiros arquitetos paulistas no final do século XIX, com intensa participação na produção de novas tipologias habitacionais para locação.⁵

Em geral, a riqueza produzida pelo café se tornou o motor dessas transformações. A região conhecida pela pobreza e provincianismo, passou a construir um cenário urbano mais complexo. Assim, iniciam-se a formação do mercado imobiliário, sob os moldes capitalistas, com o desenvolvimento de novas abordagens profissionais, técnicas e empresariais das atividades da construção civil.

Tais observações permitem o reconhecimento do valor cultural do ecletismo enquanto tendência caracterizada pela emergência de uma nova elite urbana e sua aceitação de novos preceitos da arquitetura e da construção civil européia, voltada à crescente industrialização. Esse estilo, contudo, será descrito de maneira mais profunda ao longo da pesquisa, quando forem analisados os objetos de estudo. Cada um deles, enquanto expressão do ecletismo revela uma faceta do estilo. Isso é fortalecido pelo fato de cada edifício ter sido originalmente construído a partir de um programa de necessidades específico (residencial, acadêmico,...). Assim, em cada capítulo do trabalho, serão apresentados aspectos do ecletismo e que contribuem para a compreensão do valor cultural de cada edifício e para o estilo em sua totalidade.

⁵ Nesse ponto é importante lembrar de profissionais como Francisco de Paula Ramos de Azevedo, Carlos Eckman, Pujol e Bezzi, que construíram uma tradição voltada à escola Politécnica, diferentemente dos arquitetos do Rio de Janeiro, formados na tradição de Belas Artes.

O Valor Autoral:

Imagem 7 - British Museum,

Fonte: site *Foster and Partners*

Autor é o responsável pela concepção de determinada obra humana. Na arquitetura, por exemplo, o valor autoral é definido pelas qualidades espaciais presentes na solução do programa de necessidades original. A expressão física desse valor é o partido arquitetônico adotado, isto é, a síntese espacial das condicionantes do projeto, sejam elas técnicas, legais, financeiras, culturais, programáticas e ambientais (LEMOS, 1979).

Ao introduzir o problema da prática projetual, três outros termos chamam atenção: originalidade, criatividade e liberdade. *Originalidade* deriva do conceito origem, isto é, “começo ou ato ou fase inicial, ou ainda, fundamento ou princípio” (ABBAGNANO, 1970, p.704). Para nós, entretanto, relaciona-se à idéia de que determinado produto cultural apresenta caráter próprio, que o diferencia dos demais e o transforma em referência arquitetônica.

Criatividade provém do nome Criação: “a palavra tem em todas as línguas um sentido muito genérico, que indica qualquer forma de causalidade produtiva”. (ABBAGNANO, 1970, p.204). Tratá-la-emos como a capacidade particular que o

autor do projeto tem de resolver os problemas espaciais e programáticos, estabelecendo uma linguagem arquitetônica que lhe própria. Nesse sentido, as palavras *criatividade* e *linguagem* estabelecem correlação direta.

A terceira, *liberdade*, apresenta dois significados antagônicos que são do nosso interesse: 1) ausência de limites e 2) possibilidade ou escolha (ABBAGNANO, 1970, p.577). As intervenções em edifícios históricos devem privilegiar a liberdade criativa dos arquitetos contemporâneos? Ou devemos nos submeter a “apatia” histórica? Qual a boa medida?

O sentido de liberdade atribuído a tais projetos varia de acordo com o profissional. Certamente, os estudiosos da Teoria da Restauração defendem intervenções mais discretas, pois permitem a “leitura” do espaço original. É o próprio sentido de documentação que a arquitetura passada assume frente às gerações vindouras. Outros, entretanto, consideram o problema da modernização com maior flexibilidade (FURTADO, 2012, p. 52-53):

“A Cultura não é apenas o acervo que recebemos do passado. Por mais importante que seja a defesa da herança cultural, não podemos desconhecer que a essência do homem como criador da cultura reside em sua criatividade, em poder romper com o passado ao mesmo tempo em que dele se alimenta.”

Essa postura atribui um caráter de inovação às intervenções. Entretanto, sua qualidade depende fundamentalmente das articulações estabelecidas entre os valores culturais, presentes no espaço original, e os valores autorais, representados pelos partidos arquitetônicos contemporâneos. Nas obras de Norman Foster, por exemplo, as soluções integram práticas de restauração tradicionais, de valorização dos espaços originais, a processos de exploração formal que contribuem para a consagração da própria linguagem arquitetônica. Nesse sentido, a solução de fechar os pátios internos com estruturas zenitais mostrou-se de grande qualidade funcional e estética, se tornando um paradigma contemporâneo.

Imagem 8 - British Museum,

Fonte: site *Foster and Partners*

Entretanto, a articulação dos valores põe a prova um segundo problema: o conhecimento das teorias por parte dos arquitetos dispostos a enfrentar a questão. De modo geral, muitos profissionais atribuem às teorias limitações criativas, principalmente, ao deparar-se com princípios como aqueles preconizados nas cartas patrimoniais. São premissas que, de fato, orientam o trabalho e definem uma dimensão específica, da pesquisa arquitetônica, que muitos não dominam e, por isso mesmo, tendem a desprezar. A Teoria da Restauração não representa fórmula pronta, tão pouco deve ser aceito como universo conceitual hermético. Nada disso. A aproximação de valores culturais e autorais tem permitido a produção de soluções adequadas à realidade contemporânea e, se existem limites, estes se estabelecem no plano ético principalmente, pois o arquiteto deve conscientizar-se de que a sua proposta não deve sobrepujar valores que dizem respeito à sociedade como um todo. Afinal de contas, em uma sociedade equilibrada o trabalho individual não é mais importante que a produção coletiva.

Propostas como o Museu das Missões, o SESC Pompéia e a Pinacoteca do estado de São Paulo evidenciam a relevância histórica dos imóveis ao mesmo tempo em que demonstram a competência daqueles que conceberam as soluções mais recentes.

Imagem – 9: Desenho do Museu das Missões

Fonte: *Lucio Costa, Registro de uma Vivência.*

Existe um equilíbrio que inicia com a coexistência pacífica dos espaços originais, cuja leitura é mantida, com as soluções de modernização. E esse equilíbrio estende-se a uma postura ética dos profissionais, que percebem a importância de equilibrar suas soluções aos valores culturais de cada bem imóvel tratado.

1.2 Metodologia

Até aqui apresentamos conceitos importantes para compreender aspectos da preservação de bens imóveis no Brasil hoje. Discorreremos sobre a produção histórica dos conceitos restauração, retrofit, valor cultural e valor autoral. São termos que articulamos a partir da idéia de que existem tradições que tratam do impacto do trabalho humano no meio ambiente – pré-existente e natural, e que existem equilíbrios dinâmicos definidos a partir da integração entre o interesse coletivo e as contribuições individuais (ou autorais). Os projetos de arquitetura configuram espacialmente – bem ou mal – essa questão.

Tais concepções ganharam espaço no debate internacional, principalmente, a partir da década de 1980. Os projetos de Norman Foster mencionados são expressões dessa tendência, que reintegra não apenas os edifícios isoladamente, mas também áreas urbanas deterioradas consagrando-se como tendências urbanísticas contemporâneas. É interessante lembrar que tais abordagens encontram respaldo na indústria do turismo e tem nos Museus suas mais

expressivas manifestações. No próximo capítulo, tal fenômeno será apresentado como fenômeno geral – ou pano de fundo, uma vez que o problema no Brasil apresenta-se de maneiras diversas.

Aqui ainda existem deficiências quanto aos critérios de reconhecimento dos valores culturais de certas “arquiteturas”. Por que obras de um mesmo período, tais como o Teatro Municipal de São Paulo e os hotéis ecléticos do centro da cidade apresentam estados de preservação tão dispares? É evidente que existem equipamentos públicos cujo reconhecimento dos valores culturais acontece com maior naturalidade, enquanto outras edificações privadas padecem da falta de recursos para obras de restauração.

Assim, optamos por escolher edifícios construídos em uma mesma época, cujos usos (originais e atuais) são ordinários e, conseqüentemente, sofrem maiores dificuldades em termos da sua própria preservação. Ao elegermos edificações ecléticas na cidade de São Paulo garantimos o acesso às fontes primárias e secundárias, todas de domínio público (como os projetos aprovados do Residencial Américo Simões), permitindo maior coleta de dados sobre o valor histórico e estético das edificações além de dispor de inúmeras informações sobre as intervenções recentes.

Cada um dos três objetos de estudo será analisado a partir de três momentos distintos:

- 1) O primeiro corresponde à escolha das características que devem ser preservadas em cada imóvel. Nesse sentido, falar do passado é encontrar subsídios teóricos para o desenvolvimento dos projetos e a reinserção dos edifícios nas dinâmicas urbanas. O estudo das intervenções atuais, portanto, principia na compreensão do valor cultural de cada imóvel.
- 2) O segundo passo das nossas análises corresponde à avaliação dos partidos arquitetônicos contemporâneos adotados. Essa configuração também pode ser compreendida como a articulação estabelecida entre os valores culturais e autorais. Ou seja, os projetos respeitam as estruturas

originais? Os elementos de atualização encontram soluções “equilibradas” com os espaços históricos? Os profissionais envolvidos souberam articular a necessidade de preservação às possibilidades de modernização?

3) Ao final, analisaremos as estratégias de preservação atuais. Tais elementos representam justamente os mecanismos de reintegração dos edifícios às práticas do dia-a-dia, apontando aquilo que foi positivo e aquilo que se mostrou pouco eficiente.

Outros pontos importantes:

Primeiro: note que não consideramos o problema da sustentabilidade como algo a parte. De fato, ele está presente desde a origem dos projetos, principalmente por que o ecletismo, como projeto arquitetônico, caracterizou-se por uma maior preocupação ambiental a luz da concepção daquela época (o que assumia um caráter higienista). Além disso, hoje, a sustentabilidade corresponde a um dado de projeto, isto é, ela é elemento presente desde o primeiro momento criativo.

Segundo: não são procedimentos simples, tampouco encerram o assunto. Apesar do bom número de fontes primárias (projetos, entrevistas com agentes envolvidos em cada processo e relatórios técnicos de obra) e secundárias (bibliografia especializada), a verdade é que tais estudos articulam conhecimentos científicos a problemas artísticos, atribuindo elevado grau de subjetividade às interpretações. Os valores que atribuímos a cada projeto – culturais e autorais, são relativos ao momento atual e, portanto, representam novas etapas de entendimento, sem ensejar visões definitivas de qualquer natureza. Isso não invalida, porém, o caráter objetivo do trabalho. Os estudos históricos e estéticos demandados pela Teoria da Restauração fornecem maior rigor crítico às pesquisas. É nesse sentido que cabe falar em ciência da Preservação. É claro que a teoria não deve ser compreendida como regra inviolável, a ponto de criar limites rígidos para a atuação profissional. A dimensão criativa dos trabalhos é fundamental no processo de reinserção dos edifícios na vida contemporânea. O trabalho

arquitetônico estabelece por princípio relações com o universo artístico, dimensão de natureza bastante distinta do debate científico. Por isso, nossa preocupação em estabelecer relações críticas entre os conteúdos históricos e atuais de cada um dos quatro partidos arquitetônicos tratados é compreendida por nós como reflexões pontuais e de valor relativo.

Terceiro: Ao contrário dos projetos de arquitetura voltados a obras novas, em restauração as propostas assumem um caráter experimental. A pré-existência do edifício cria uma condição *Sine qua non*, em que o edifício ensina. Segundo o ex-professor da FAU Eideval Bolanho, “ o projeto de restauração é o início, que estende-se à própria obra, quando, pouco-a-pouco, aprendemos com o edifício aquilo que ele nos quer dizer”.⁶ Assim, muito do aprendizado que a restauração promove está na obra e em seus executores.

⁶ Essa passagem é parte de uma conversa que tivemos quando foram iniciadas as obras do Instituto Oscar Freire da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em 2009.

2. TENDÊNCIAS CONSAGRADAS

Ao longo da década de 1980, surgiram projetos de modernização de edifícios históricos com destinações culturais. Para alguns críticos esse processo configurou uma mudança fundamentalmente econômica, de apropriação do patrimônio histórico pela indústria Cultural (CHOAY, 2001, p. 210):

“Em determinado momento, os problemas suscitados pela difusão da cultura precipitam uma mudança semântica. Os museus consagram essa mudança, antes dos monumentos. A cultura perde seu caráter de realização pessoal, torna-se empresa e logo indústria.”

Outros, porém, tratam do problema como algo mais complexo, que de um lado oferece crescente personificação dos agentes públicos – uma identificação populista e vazia entre o governante e as suas obras, e de outro, uma constante alienação da cultura histórica popular (JUDT, 2010, p.241):

“[...] basta lembrar o caso lamentável de Françoise Mitterrand, presidente da França nos anos 1980 e metade dos anos 1990. Nenhum governante francês desde Luis XIV dedicou-se com tanto afincio a comemorar as glórias do país e tratá-las como suas; seu reino foi marcado por uma constante acumulação de monumentos , novos museus, memoriais, (...) Mas o que havia tornado Mitterrand bem conhecido, até a véspera de sua morte, além da habilidade florentina de sobreviver no poder por tanto tempo? A incapacidade de lembrar e reconhecer completa e exatamente o seu papel como ator menor em Vichy – um sinistro reflexo individual exato do vazio existente na memória nacional”.

Esse é um debate complexo, e que foge aos nossos objetivos aqui. Porém, é evidente que as práticas de preservação sofrem profundas mudanças a partir da década de 1980. Espaços de Cultura, principalmente os Museus, assumem dinâmicas de *espetacularização*, que os tornam instrumentos econômicos de grande capacidade de atração do público nacional e internacional. São projetos que se integram a estratégias de divulgação das próprias cidades enquanto pólos turísticos e passam a apresentar a iniciativa privada como agente relevante no tratamento do patrimônio histórico e artístico. Sobre isso, Fraçoise Choay postula (2001, p. 219):

“A Reutilização, que consiste em reintegrar um edifício desativado a um uso normal, subtraí-lo a um uso de museu, é certamente a forma mais paradoxal, audaciosa e difícil de valorização do Patrimônio...Ela deve, antes de mais nada, levar em conta o estado material do edifício, o que requer uma avaliação do fluxo de usuários potenciais.”

O poder público e a iniciativa privada passaram a articular-se em novas políticas de preservação em escala urbana. Para além dos museus, as atividades econômicas incorporam usos mais ordinários para a renovação de expressivos sítios históricos, como aconteceu no Marais em Paris. Com a saída da aristocracia no século XVII, a região assumiu um caráter popular e passou a abrigar imigrantes internos e externos até a década de 1940. No entanto, a partir dos anos 50, passou por intenso processo de abandono, chegando a perder metade da sua população nas três décadas seguintes. Apesar dos inúmeros palácios e conjuntos arquitetônicos relevantes, a falta de cultura em requalificação urbana impossibilitava o desenvolvimento de soluções para o problema até o início da década de 80. Felizmente, foram realizadas políticas urbanas baseadas na instrumentação técnica e financeira para a solução do problema, bem como a educação da população local e envolvimento de empresários da construção civil, que resultaram nas bases materiais para o “renascimento” urbano. As mudanças vieram através de novos arranjos produtivos entre governo, empresariado e população (Lima et al, 2004). Para compreender o impacto dessas alterações no universo arquitetônico, analisemos um dos projetos mais expressivos dessa geração: o Grande Louvre.

2.1 As Pirâmides do Louvre

Entre 18 e 12 a.c, em Roma, foi construída a Pirâmide de Cestio, túmulo de Gaius Cestius Eulus, um magistrado local. Sua construção deu-se fora do tecido urbano da cidade. Porém, no século III d.c., o monumento já estava envolvido por construções, tornando-se elemento integrante da paisagem urbana. Uma poderosa simbologia passada, marcando a mudança dos tempos. Milênios passados, surge nova experiência, de grande repercussão internacional. Durante a presidência do já citado François Mitterrand, foi elaborado um plano de desenvolvimento cultural da

cidade de Paris, com a criação de referências urbanas, tais como a *Cite de Musique*, a *Bastille Opera*, o *La Deffence*, além do Museu do Louvre. Para esse grande espaço expositivo estavam previstas iniciativas de reformulação e novas estratégias de promoção cultural. Para a tarefa foi convidado o arquiteto I.M. Pei, cuja escolha resultou do contato que governantes franceses travaram com o anexo da National Gallery de Washington. A resposta atual e austera do conjunto da cidade norte-americana impressionou o presidente francês, a ponto de dispensarem os tradicionais concursos para a definição da melhor solução do “novo” museu. Para compreender o projeto de intervenção lançaremos mão da nossa metodologia, partindo dos valores coletivos e individuais (WISEMAN, 2001).

2.1.1 Valor Cultural

O Museu do Louvre ocupa um edifício que registra a história francesa ao longo de oitocentos anos. A Fortaleza do Louvre foi inaugurada em 1190, pelo Rei Felipe II, a fim de proteger a cidade de ataques provenientes do oeste, principalmente, de Vikings. Contudo, essa função deixou de ser relevante no século XIV, quando o Rei Carlos V realiza a construção de um novo muro e o palácio deixa de ser militarmente estratégico, passando a integrar o tecido urbano de Paris. O edifício tal qual o conhecemos começa a ser reformulado a partir do século XVI, quando Luiz XIII promove sua articulação com o Palácio das Tulherias (construído por Catarina de Médici entre 1564 e 1572). Todavia, esse processo é suspenso com a construção de Versalhes, que se torna a nova residência real. A importância do conjunto só é recuperada em 1789, quando os dirigentes da Revolução Francesa decretam o palácio como sede do movimento e, em 1793, declaram-no Museu.

Apesar da longevidade da edificação, e das pátinas que registram sua história da edificação original restam poucos vestígios – partes da muralha e o arco do triunfo. Esteticamente, portanto, existem certas tradições que se mostram com maior ênfase. As fachadas internas do palácio, por exemplo, foram projetadas por Pierre Lescot (1510 – 1578) sob a influência do Renascimento Italiano. Isso representou a elaboração de traçados ortogonais, com a criação de pátios internos

regulares e cujas fachadas apresentavam-se sóbrias e simétricas, a partir de estruturas de grande inércia térmica e sistemas de iluminação e ventilação. Essa linha foi seguida anos depois, através dos trabalhos de *Charles Le Brun* e *Claude Perrault* em meados do século XVII. Contudo, apesar da presença marcante das linhas renascentistas ou mesmo de um barroco mais comedido quando comparado a outras expressões desse estilo, a avaliação estética daquele conjunto de edificações mostra-se complexa. Para nós que não temos qualquer pretensão em lançar novas luzes sobre esse assunto cabe registrar que o Museu registra a história da arquitetura nos últimos 800 anos em suas diversas alas e pátios. Por isso, qualquer intervenção contemporânea que fosse realizada deveria primar pelo respeito aos profundos valores culturais presentes no conjunto edificado e, de certa forma, realçá-los (MUSEU DO LOUVRE, 2012).

2.1.2 Valor Autoral

A proposta de I.M.Pei partiu de um programa estabelecido pelas autoridades francesas. Foram formulados três princípios básicos: o primeiro, as áreas administrativas e de apoio do museu seriam ampliadas; o segundo, os fluxos de visitantes, reorganizados; e, em terceiro, as áreas expositivas, modernizadas. Até aquele momento, o edifício dividia seus espaços com gabinetes da burocracia francesa, o que limitava a atualização dos ambientes destinados às atividades indiretas da instituição. Além disso, o acesso às áreas expositivas apresentava um ordenamento que fomentava filas na entrada do museu e dificuldades de circulação no local. O projeto deveria configurar o anseio de modernização de revalorização daquele equipamento cultural.

O partido arquitetônico, assim, partiu da retirada das repartições públicas do palácio (que passava a ser integralmente ocupado pelo Museu) e da criação de um átrio subterrâneo, coberto pela grande pirâmide, e que articula os diversos pavilhões de exposição. Tais definições ofereciam duas possibilidades de integração entre os espaços históricos e as estruturas contemporâneas. Nas áreas externa,

foram criadas clarabóias piramidais que, evidentemente, não representavam elementos originais do edifício.

Imagens 10 e 11: I.M.Pei – Museu do Louvre

Fonte: Wiseman, 2001

Sua distribuição espacial seguia certa geometrização em relação ao espaço da praça em que estavam inseridas, mas evitavam relações mais explícitas com o eixo monumental em escala urbana a que o Museu faz parte. No subterrâneo, por outro lado, as alterações também se caracterizavam pelo princípio da distinguibilidade, e mesmo da retrabalhabilidade. Contudo a inexistência de áreas abertas promovia a integração mais harmoniosa entre os elementos pré-existentes e os trabalhos de modernização. Em termos de sustentabilidade, a questão primordial era climatização do conjunto, o que garantia melhor preservação das obras do acervo. Assim, a grande massa dos edifícios contribuiu para o processo de controle de temperaturas, uma vez que isolava os ambientes internos em relação às variações térmicas externas.

A proposta despertou sentimentos antagônicos. Em 23 de janeiro de 1984, foi apresentado a Comissão Superior de Monumentos Históricos, que o rechaçou

veementemente, a ponto da tradutora abandonar o evento antes do final, aos prantos, tamanha rispidez dedicada à equipe de arquitetos (WISEMAN, 2001). Essa postura foi estendida, especialmente, aos meios de comunicação. A política cultural do governo *Mitterrand* e a forma com que ele a usou como plataforma para a reeleição despertou a indignação de grupos como o *Le Figaro*. Eram comuns as matérias que criticavam e ironizavam o caráter faraônico da obra.

Imagem 12 Charge sobre a pirâmide de Mitterrand

Fonte: L'Architecture d'Aujourd'hui, 2011

Entretanto, paulatinamente, o apoio necessário se fez sentir. Projetos dessa envergadura dependem de amplo apoio social, ou seja, econômico, político e cultural (CHAUÍ, 1980). O conselho curador da instituição, figuras proeminentes da sociedade parisiense e a reeleição do governo garantiram a execução do projeto. O próprio *Le Figaro* mudou o seu discurso (CHASLIN, 2011, p. 110, tradução nossa):

"Neste momento, por razões que não estão ligadas a gosto, o jogo virou: o *Le Figaro* mudou de lado, trazendo com ele uma parte da opinião pública. O Grupo Hersant tinha, com efeito, entrado em acordo com um presidente que foi eleito por mais sete anos." ⁷

⁷ "At this point, for reasons not connected to questions of taste, the tables turned: *Le Figaro* would change sides, bringing with it a share of public opinion. The Hersant Group had, in effect, decided to come to terms with a president who had been elected for another seven years".

Só depois desse embate iniciam-se os trabalhos de restauração.

Em relação a suas escolhas autorais, Pei justifica oficialmente a pirâmide com uma referência ao paisagismo geométrico de *Le Notre*. Estabelece um sistema simétrico que envolve o edifício e a praça que ele define – ainda que desconsidere o eixo monumental que parte do museu, passando pelos Jardins das Tulherias até o Arco do Triunfo.

Imagem 13: I.M. Pei – John F. Kennedy Library

Fonte: Wiseman, 2001

Todavia, ao analisar a obra do arquiteto, fica clara sua pesquisa formal. Em projetos como o John F. Kennedy Library (1964-79) e o próprio anexo da National Gallery de Washington, se encontram referências para a solução parisiense. O uso das clarabóias em aço e vidro; e a preocupação com a pureza formal, quase arquetípica, sugerem a construção de uma linha de especulação plástica de forte apelo autoral.

No Louvre restaurado, o resultado é provocativo, pois associa elementos atuais a um dos símbolos mais longevos da história humana: a pirâmide. Além da invocação direta do acervo em arte egípcia do museu, ele nos convida a interpretações mais estimulantes, como a renovação e o conseqüente sepultamento de uma estrutura anacrônica; ou ainda, a revisão do espaço público da praça que agora passa a integrar elementos estranhos a sua origem. São qualidades do projeto que atribuem novos valores ao edifício. Originalidade?

2.1.3 Estratégia de Preservação

Imagem 14: Museu do Louvre - espaço do mundo árabe

Fonte: L'Architecture d'Aujourd'hui, 2011

Duas décadas passadas, a instituição continua a passar por modificações. Em 2005 foi inaugurada uma ala para abrigar expressões da arte islâmica. Foi realizado um concurso, vencido pela dupla Mario Bellini e Rudy Ricciotti. O projeto segue alguns princípios das pirâmides, como a utilização de espaços no subsolo e a introdução de elementos zenitais. Todavia, há clara evolução tecnológica nas soluções adotadas. A cobertura é feita a partir de um desenho sinuoso, que sugere a influência de trabalhos de Norman Foster, além de apresentar elementos articulados capazes de abrir e fechar de acordo com a necessidade. Nesse caso, há referência clara ao Centro da Cultura Islâmica projetado por Jean Nouvelle na mesma cidade.

O Museu do Louvre é paradigmático. Sua importância cultural e as intervenções recentes demonstram certa disposição para avançar-se nessa tendência de tratamento do patrimônio cultural, em que a história e a contemporaneidade são trabalhadas como partes distintas, porém indissociáveis,

das estratégias de preservação. E nisso muito temos a aprender. O resultado do projeto do Grand Louvre alcançou seu objetivo de modernizar e valorizar a instituição tanto internamente quanto para a comunidade internacional. O Museu renova-se como atração turística.

Contudo, como mencionado anteriormente, a espetacularização dos museus insere-se em movimentos mais amplos, que transcendem o problema cultural e que encontram respaldo em outras dimensões da vida, isto é, da economia e da política. Para nós, por mais relevante que esse debate seja, aqui ele mostra-se marginal. Essa pesquisa não trata do *glamour* da indústria cultural e sim da integração de edifícios de valor histórico, porém, através de usos ordinários. Discutir projetos consagrados nos é conveniente para evidenciar a mudança de certos paradigmas que imperaram ao longo do século XX, mas que agora não configuram verdades tão absolutas. Novos arranjos fazem-se necessários, e a própria aproximação da Teoria da Restauração com a cultura da sustentabilidade é expressão dessa mudança.

3. O RESIDENCIAL AMÉRICO SIMÕES

Imagem 15 – antigo hotel Britânia

Fonte: Acervo Roberto Toffoli. S. da Silva.

Agora passaremos aos três objetos de estudo. São edifícios construídos no mesmo período, sob a égide do mesmo estilo, e que foram modernizados a partir de debates que integram a Teoria da Restauração aos princípios de sustentabilidade na construção civil. Antes de avançarmos, entretanto, é oportuno apresentar os pontos estratégicos dessa integração. Em primeiro lugar, o ecletismo apresenta evoluções estilísticas e construtivas que facilitaram sua adaptação ao clima do país. As crescentes preocupações com a salubridade do espaço interno das edificações e o código de obras da cidade de São Paulo no início do século XX contribuíram para a realização de uma arquitetura que privilegiasse as condições de higiene. Isso resultou em grandes aberturas (que propiciavam boa iluminação e ventilação), pés-direitos generosos além da elevada inércia térmica dos edifícios, construídos com alvenarias duplas de tijolos maciços, que também promoviam

ambientes confortáveis a partir de técnicas tradicionais da região. Ou seja, o estilo se adaptava ao clima brasileiro.

Outro aspecto relevante foi a formação específica dos profissionais envolvidos nos projetos. Todos, arquitetos e construtores, estavam familiarizados com as tendências de preservação e sustentabilidade. É razoável crer que o nível de entendimento das questões bem como o peso que cada tradição assumiu na formação desses profissionais é distinto. Porém os edifícios foram modernizados a partir de estratégias que coordenaram os trabalhos de preservação a práticas sustentáveis. Isso será percebido de diversas maneiras, uma vez que cada projeto tem características próprias. Não há fórmula ou tendência arquitetônica evidente. O que existem são esforços de articulação de conhecimentos difusos para promover a restauração dos edifícios. Vamos a eles.

Até 2006, o edifício situado ao número 300 da Avenida Rio Branco era ocupado pelo Hotel Britânia. Seus 47 quartos abrigavam diversos tipos de hóspedes: muitos “caixeiros”, mensalistas, eventuais turistas... que usufruíam de uma estrutura um tanto precária, apesar de todo esforço do proprietário, o Sr. Américo Simões Ferreira. Foi então que um grupo de particulares adquiriu o imóvel, desativando o hotel e apresentando às autoridades públicas um projeto de nova ocupação. O objetivo foi promover o uso habitacional no local. Os quartos deram lugar a 26 unidades, com tipologias e características bastante peculiares, e que acabaram por atrair populações distintas daquela que ocupava o imóvel. Esse projeto foi amplamente divulgado pelos meios de comunicação em virtude da carência de iniciativas dessa natureza, e apontou para uma série de questões pertinentes em termos do uso de edifícios históricos à luz das demandas da vida contemporânea.

A seguir serão apresentadas dinâmicas que permitem compreender essa operação de maneira ampla. A descrição será realizada a partir dos procedimentos anteriormente citados: análise dos elementos históricos e estéticos, avaliação do partido arquitetônico proposto e, por fim, considerações sobre as estratégias de preservação do bem cultural. Lembrando que em o edifício foi encarado como

fonte importante de conhecimento para a restauração e seus executores guardam repertório de grande validade para todo o debate aqui proposto.

3.1 Valor Cultural

Imagem 16 - Pequena Mason de Rapport:

FONTE: Constructions modernes & économiques: avec plans, coupes, élévation et détails

O projeto original fora desenvolvido e construído pelo Escritório Técnico Ramos de Azevedo, ao final da década de 1910 e seu uso original é incerto. O entendimento geral atribui à atividade hoteleira a razão pela qual o imóvel fora construído. Essa visão é reforçada pela então necessidade de se ampliar a capacidade de hospedagem na região central da cidade, em função do intenso crescimento populacional. Todavia, levantamentos recentes indicam outra hipótese: o edifício pode ter sido uma *maison de rapport* – categoria de investimento imobiliário típica da segunda metade do século XIX na França. Tal modalidade relaciona-se à emergência de práticas capitalistas no mercado imobiliário e tem por objetivo a produção de riquezas advindas da locação residencial.

A possibilidade será abordada neste capítulo. Ela é fundamental para determinar-se o significado histórico da edificação e a adequação de todos os procedimentos adotados na integração do imóvel às dinâmicas urbanas contemporâneas.

Maison de Rapport:

As *Maisons de Rapport* se consagraram como modelos de organização urbana a partir das intervenções físicas previstas pelo Plano de Haussmann em Paris na segunda metade do século XIX. Elas foram criadas para solucionar problemas de salubridade e higiene das habitações operárias e se mostraram interessantes no desenvolvimento do mercado imobiliário. Em referências encontradas do livro *“Constructions modernes & économiques: avec plans, coupes, élévation et détails”*, escrito por A. Guerber e editado em 1898, encontram-se descrições e desenhos de uma pequena Maison: a casa era composta por duas unidades, cada uma com aproximadamente 110m², distribuídos em 4 pavimentos: um porão enterrado; um piso articulado por um vestíbulo, um salão, uma sala de jantar e uma cozinha; um terceiro, onde estão situados os quartos e o banheiro; e o sótão, que corresponde às dependências de empregada. O acesso aos níveis é feito por uma escada externa:

Neste caso em particular, o programa habitacional estava orientado à habitação de renda média. Isso pode ser observado através da existência de áreas de uso coletivo e outras exclusivamente familiares, organização típica dos partidos ecléticos (LEMOS, 1989). O acesso à sala de jantar, por exemplo, ocorre pela cozinha ou pela sala de estar, não estando livre a todos os freqüentadores da residência. Esse nível de complexidade não condiz com os programas habitacionais operários, em que há extrema sobreposição de funções. Há ainda registros de *Maisons de Rapport* de dimensões muito superiores a essa, como aquela construída pelo arquiteto francês Eugène Atget, a *Maison de Rapport du Couvent St. Lazare em St. Denis* em 1909.

Imagens 17 e 18: Pequena Mason de Rapport:

FONTE: Constructions modernes & économiques: avec plans, coupes, élévation et détails

No Brasil, o livro *“Cozinhas, etc”* há referência a essa categoria. Em uma nota de rodapé, foi feita referência a trecho de artigo publicado na Revista de Engenharia no início da década de 1910, e que gostaríamos de reproduzir em parte (MALTA, 1912 apud LEMOS, 1976, p.155):

“Acreditamos, porém, que seja de bom conselho a imitação que vamos indicar. Os parisienses conhecem de longa data o banalíssimo *Mason de Rapport* que se para aqui fosse transplantada, faria certamente a fortuna dos seus proprietários e o sossego de muitas famílias pessimamente alojadas.

Só os grandes edifícios de quatro ou mais andares, com acesso por elevador, construídos nas mediações do centro, virão resolver o problema com toda a segurança. Numa só construção será possível reunir seis ou mais habitações com acomodações diferentes, sob todos os pontos de vista: número de cômodos, decorações, preço, etc.; sem prejuízo da necessária independência entre umas e outras.

Estas qualidades todas são garantias seguras dos melhores resultados, tanto para o proprietário, cujos rendimentos veria aumentados, como para os locatários que, por melhor preço, achariam habitações sob todos os aspectos mais confortáveis que a maioria das que lhe são hoje acessíveis.”

Seu autor, o engenheiro J. M. Toledo Malta, apresenta a modalidade a possíveis investidores. A elite cafeeira era um público que poderia desfrutar desse tipo de atividade de geração de renda por locação. Curiosamente, três anos após a publicação do artigo, era dada entrada na Prefeitura Municipal de São Paulo de

projeto que seguia uma série de preceitos previstos nessa concepção. O trabalho foi encomendado pelo fazendeiro Antonio de Pádua Salles ao arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo e corresponde justamente ao edifício em que hoje se situa o Residencial Américo Simões.

O projeto Original:

Imagem 19: elevação original do Hotel Central

Fonte: Paione, 2002

O imóvel integra um conjunto urbano expressivo localizado na Avenida São João, entre o Vale do Anhangabaú e o Largo do Paissandú. Divide a construção com o desativado Hotel Central, ocupando 1700m² dos 4000m² construídos originalmente. Segundo levantamento da arquiteta Luciana Leekninh Paione, as desapropriações do terreno que abrigaria o imóvel ocorreu em 1913, quando da ampliação da Avenida São João. O programa de reurbanização previa a construção de edifícios com pelo menos três andares (além das lojas), revelando a intenção de se modificar o gabarito da quadra.

Do mesmo levantamento ainda constam referências às primeiras licenças de construção para a edificação: uma de 1915, para a execução de quatro andares, e outra de 1916, para a construção de um quinto andar, composto por mansardas. Acredita-se que a área ocupada pelo Hotel Central tenha ficado pronta em 1917, enquanto a área ocupada pelo Residencial Américo Simões, um ano depois.

Em 1918, a parte superior do imóvel foi locada ao Senhor Juvenal Alves, dono de uma pousada nos arredores da Praça da Sé, “concedendo alguns meses de carência para que fossem feito os ajustes para a instalação do Hotel Pensão Central” (PAIONE, 2002, grifo nosso). Em 1938, o fundo de comércio do Hotel é vendido à família Bonini que reinaugura o estabelecimento apenas como Hotel Central. No entanto, a compra do edifício da família Pádua Salles só ocorre em 1958, quando Giuseppe Bonini comercializa o fundo para o Sr. José Sapata (Paione, 2002). A partir dos anos sessenta nota-se um empobrecimento no perfil dos hóspedes. A crise se estende por algumas décadas, até que em 2003, parte do imóvel é adquirido pelos particulares que farão o empreendimento residencial.

As plantas existentes no Arquivo Histórico Municipal correspondem apenas à parte do edifício, ou seja, a área ocupada pelo Hotel Central. São elas que nos forneceram as informações mais importantes para a discussão de uso aqui apresentadas. A primeira delas diz respeito à distribuição funcional das atividades. Seu arranjo, com articulações espaciais específicas, facilitava a disposição espacial função das atividades internas. Isso demonstrava as preocupações que articulavam forma e função. Uma segunda característica importante são as preocupações higienistas (ou sanitárias) do edifício, ou seja, seu sistema de iluminação e ventilação. Tais características são fundamentais para a compreensão do projeto original.

No térreo ficavam duas lojas e o acesso aos andares superiores. A entrada fora arranjada simetricamente: dois elevadores e duas escadas que dividiam cada andar em termos das áreas de serviços e sociais. Aos fundos, na fachada voltada para o antigo Beco do Piolim, se concentravam as cozinhas, áreas de serviço e salas de jantar. Essa articulação espacial revela preocupações construtivas funcionais. Por exemplo, a criação de áreas úmidas mostrou-se importante para a redução de

custos provenientes das instalações de ferro fundido. Quanto às condições de habitabilidade, a iluminação e a ventilação eram feitas diretamente pelas aberturas da fachada posterior do edifício.

Imagem 20: planta pavimento tipo

Fonte: Paione, 2002

Do outro lado estavam as áreas de convivência. Voltado para a Avenida São João, fora previsto um conjunto de 11 salas (seis de um lado e cinco de outro). Os corredores circulam um átrio central, que garante iluminação e ventilação adequadas. Para os cômodos laterais, existem reentrâncias que também garantem as condições de salubridade das unidades. E para os cômodos da frente, a luz e o arejamento advêm das janelas da fachada principal. Não existiam venezianas no projeto original, característica típica das edificações européias, cujo controle de

claridade se dá através de cortinas pesadas, e que articuladas a janelas, criam um sistema que impede a ventilação. Venezianas são de grande serventia nos trópicos.

Nos cômodos indicados por *salas*, é bastante crível que parte deles tenha sido composta por quartos. A modificação dos termos para aprovação se deu a partir de 1894, com a criação do código sanitário que obrigava a existência de quartos com janelas – apesar de não proibir as alcovas (LEMOS 1999). Eram necessárias metragens mínimas para tais cômodos (14m²), o que muitas vezes não se alcançava. Os projetistas passaram a alterar as nomenclaturas para aprovar os projetos junto às autoridades públicas. Portanto, as salas junto ao átrio seriam salas de fato, enquanto aquelas voltadas para a Avenida São João corresponderam aos quartos.

Ainda é pertinente mencionar o desnível entre a Avenida São João e o antigo beco. Isso permitiu um corte peculiar, com desnível entre as ruas e, conseqüentemente, com acessos distintos para a loja e os andares superiores, tendo acesso exclusivo para seus moradores pela rua dos fundos e garantindo maior privacidade aos usuários.

Essa investigação, portanto, ocorre no âmbito dos interesses ou intenções originais dos agentes relevantes no processo de execução. Nossa hipótese é de que o imóvel foi concebido enquanto *maison de rapport*. Ramos de Azevedo foi um profissional extremamente alinhado com as práticas européias de desenvolvimento imobiliário, ou seja, ele conhecia os programas vigentes. É bastante razoável que ele tivesse contato o artigo de 1912 e que o tenha apresentado a família Pádua Salles, sua cliente há algum tempo.

Um segundo elemento importante: a organização das atividades, distinguindo serviços e sociais, sugere a existência de unidades autônomas, o que era fundamental para atender-se ao mercado de locação de renda média. O programa residencial eclético é caracterizado por uma hierarquização funcional clara. Existem espaços exclusivos da família residente, existem espaços de recepção e existem ambientes de serviços domésticos. É possível identificar tal hierarquia espacial, o que também reforça a idéia de que as unidades eram produzidas para

atender famílias das camadas médias urbanas. Note-se que o total de unidades atende às diretrizes apresentadas no artigo da revista de engenharia.

Mas, por que teria acontecido a substituição de uso no edifício da Avenida São João? Por quais razões a *Maison de Rapport* daria lugar a hotéis?

Ao longo dos anos, a atividade hoteleira mostrou-se prática: a conversão do imóvel era simples e a cobrança dos alugueres de um único proprietário era mais fácil. O Sr. Juvenal Alves assumia os riscos da mudança espacial, transformando as *salas* em quartos e aproveitando os banheiros dos corredores para o uso coletivo. Também garantia o valor da renda total do imóvel, reduzindo custos de administração e cobrança dos alugueres. De certa maneira, essa mudança foi uma adaptação daquele modelo para a realidade brasileira.

Essa interpretação sobre a origem do imóvel sugere novo significado cultural. O Ecletismo foi um movimento adotado em São Paulo no último quartel do século XIX. Desenvolveu-se graças a uma série de fenômenos: a expansão da indústria de elementos construtivos produzidos na Europa, a acumulação de recursos da atividade cafeeira, as aspirações culturais daquela elite, as mudanças no cenário da construção civil no país e a gradativa participação de arquitetos na construção do espaço urbano paulistano. Foram elementos de impulso às atividades imobiliárias, acarretando significativas mudanças (qualitativas e quantitativas) na cultura urbana paulistana. Sob esse aspecto, tais “empreendimentos habitacionais” registram a “evolução” da mentalidade da elite cafeeira em direção a estruturação de um mercado imobiliário capitalista. Acreditamos que esse imóvel é um legítimo expoente desse fenômeno.

3.2 Valor Autoral

Para compreender essa restauração existem dois elementos que devem ser discutidos: a revitalização do centro de São Paulo e as definições técnicas adotadas. A primeira auxilia-nos a compreender o caráter pouco usual de empreendimentos residenciais privados em edifícios tombados no Brasil; o segundo evidencia o

processo de viabilização técnica da restauração, inclusive com as preocupações referentes à sustentabilidade.

A Revitalização do Centro de São Paulo:

As requalificações de áreas deterioradas são fenômenos urbanos contemporâneos. Representam reações ao empobrecimento que as regiões centrais das grandes cidades sofreram ao longo do século XX. Nesse período, ocorreram processos de dispersão urbana, resultado tanto de investimentos públicos em infra-estrutura de transportes quanto de investimentos privados na criação de tipologias arquitetônicas distintas daquelas que caracterizam o tecido urbano tradicional (REIS FILHO, 2007). Nos Estados Unidos, por exemplo, regiões centrais de cidades como Chicago, sofreram o impacto desse processo (SILVA, 2002, p. 30):

“Na década de 20 do século passado, sociólogos estudaram o processo de crescimento da região metropolitana de Chicago. Um de seus expoentes, Ernest Burgess, desenvolveu um modelo teórico para descrever o crescimento rádio-concêntrico daquela metrópole e que, coincidentemente, foi constatado em todas as outras regiões metropolitanas do país. Ele postulava que havia uma degradação das áreas centrais e grandes migrações para as áreas suburbanas. O Centro histórico ficava ocupado por serviços e habitação de baixa renda”

Ao final do século XX, surgiram propostas de recuperação de diversos centros históricos. Alguns deles alcançaram grande repercussão internacional, como os projetos de Barcelona e as *docklands* inglesas, criando paradigmas para o resgate de áreas deterioradas. Até então, as regiões centrais caracterizavam-se por intensos processos de deterioração e ocupação por famílias de baixo poder aquisitivo. Todavia, a existência de infraestruturas urbanas subaproveitadas – tais como serviços de transporte coletivo e fornecimento de água, luz e telefonia; e os altos custos dos terrenos em áreas urbanizadas, estimularam o aparecimento de práticas do mercado imobiliário voltadas a essas áreas. Assim, criaram-se novos vetores de desenvolvimento imobiliário, de caráter concentrador, distintos das tendências de dispersão urbana que dominaram a segunda metade do século XX na

Europa (REIS FILHO, 2007). O centro das grandes cidades voltava a ser uma opção de vida para famílias de maior poder aquisitivo.

Em São Paulo, a discussão sobre a “revitalização do centro” ocorre desde a década de 1980, quando foram lançadas as operações urbanas Anhangabaú e Centro. Elas previam a utilização de recursos da iniciativa privada para a promoção de melhorias na região central da cidade. Todavia, ao longo das últimas décadas, pouco foi produzido nesse sentido. Criaram-se programas de financiamento habitacional para populações de baixa renda como o Programa de Arrendamento Residencial da Caixa econômica Federal (PAR – CEF), no intuito de promover a requalificação de edifícios deteriorados em novos condomínios residenciais. Poucas unidades habitacionais foram produzidas e a maioria das construtoras não se interessou em explorar esse segmento. Os riscos financeiros que as obras de reforma apresentam são altos e o conhecimento técnico disponível no mercado é limitado (em razão das poucas experiências consolidadas).

Apesar disso, existem mudanças perceptíveis no cenário. O funcionalismo público – municipal e estadual – foi alocado em diversos edifícios recuperados na região da Sé. Certos equipamentos culturais também passaram por renovações, reintegrando-se às dinâmicas urbanas. O ponto que deve ser melhorado é justamente a estruturação de um mercado residencial voltado para a produção e comercialização de unidades reformadas. Os agentes responsáveis pelo Residencial Américo Simões compreenderam esse problema e decidiram por empreender o projeto. Assim, foram discutidas as experiências européias bem como as condições reais da realidade brasileira (programas públicos, financiamentos disponíveis, legislação e demanda habitacional) para se criar um “produto imobiliário” condizente com a circunstância local.

Arquitetura e Restauro:

O caráter privado do empreendimento não inviabilizou a adoção de procedimentos alinhados às boas práticas internacionais. Os valores históricos e as necessidades de modernização foram articulados como partes de um sistema mais

amplo, isto é, a modernização fora concebida como restauração e sustentabilidade, portanto, parte do programa arquitetônico.

Imagem 21: fachada principal

FONTE: Acervo Roberto Toffoli S. da Silva

Isso permitiu a manutenção do desenho geral do edifício, minimizando demolições e acréscimos. Para melhor qualificar o projeto sugerimos a seguinte distinção: Diretrizes, Levantamentos, Plantas e Metodologia e desenvolvimento dos serviços.

Diretrizes

O edifício apresenta grau de tombamento intermediário. A resolução de tombamento prevê a preservação das fachadas originais e de determinados elementos internos, tais como portas, caixilharia e pisos de madeira. Esse foi o ponto de partida para a definição das diretrizes:

- a) O Partido adotado é o da Restauração e Preservação, logo são necessárias restaurações das fachadas históricas e de elementos internos;

- b) A estrutura original do edifício (configuração e materiais) será respeitada;
- c) A atualização dos espaços e das instalações seguirá todas as normas técnicas vigentes, com ênfase em concepções de sustentabilidade na construção;
- d) Novos espaços, que alterassem a volumetria do edifício, seriam desenvolvidos com desenhos e materiais que se relacionariam harmoniosamente o conjunto, sem criar falsos históricos nem estabelecer qualquer relação de concorrência entre eles.

O projeto de restauro foi elaborado pela empresa Bolanho Arquitetura e restauro Ltda., coordenados com os técnicos da DCT – Administração de Imóveis Ltda. (responsável pelo empreendimento). As diretrizes foram apresentadas às autoridades públicas e fundamentaram os projetos de restauração aprovados.

Levantamentos

Foram realizadas prospecções para o reconhecimento das técnicas construtivas utilizadas – tipo de argamassa, coloração original. Contudo, essa avaliação baseou-se mais na experiência de profissionais envolvidos (que definiram os traços de argamassa à luz de experiências similares, bem como identificaram visualmente as tonalidades mais prováveis para a pintura do edifício) do que em análises físico-químicas. E, apesar de certas limitações, o mapeamento mostrou-se bastante importante para a elaboração do projeto.

O edifício foi concebido a partir de um sistema estrutural misto que envolveu: concreto armado (pilares e vigas), estruturas metálicas (pilares, vigas e cintas de amarração das estruturas de madeira), estrutura em madeira (vigas de sustentação do piso) e alvenaria dupla de tijolos de barro. O sistema mostrava ampla utilização de técnicas tradicionais de construção – como as alvenarias duplas de tijolos maciços, com apropriação de materiais nativos – e de peças estruturas em aço importadas da Inglaterra, com elevado teor de “energia agregada” em sua produção. Ou seja, já era sustentável sem o ser.

Imagens: 22,23,24,25 Hotel Britânia: Situação antes da restauração

FONTE: Acervo RobertoT offoli. S. da Silva

Em termos formais e funcionais, as fachadas foram realizadas em alvenaria, moduladas verticalmente para integrar o sistema de captação de águas pluviais da cobertura com o ritmo do desenho das elevações. A diferença de pé-direito dos andares intermediários, as esquadrias, os balcões e o tratamento dos revestimentos também integravam essa lógica. O revestimento original das paredes trata-se de massa raspada de areia, cal e cimento, sem chapisco, cujo resultado era bastante característico da época, de coloração bege, sem distinção cromática entre as cimalthas e os panos lisos que compõem a fachada.

A caixilharia foi executada originalmente em elementos de madeira (pinho de riga) e vidro de 3mm, de 4 ou 6 folhas, articuladas duas a duas ou três a três. Foram instaladas diversas venezianas com as mesmas articulações, porém, a

análise do projeto original mostra que tais elementos não estavam previstos, sendo instaladas posteriormente. Os balcões são de ferro fundido. Os detalhes abaixo deles não apresentam papel estrutural. São peças em concreto armado, moldadas fora do local, para instalação posterior.

A restauração das fachadas seguiu essas técnicas, com exceção do tipo de tinta utilizada para a pintura das fachadas. A aplicação de cal deu lugar a uma técnica atual cuja base é o silicato de potássio, uma tinta de composição química que preserva as qualidades de permeabilidade do revestimento original. Esse diagnóstico foi fundamental para a realização das intervenções.

Plantas

O Partido arquitetônico previa a união de quartos pequenos – horizontalmente ou verticalmente – e o desenho geral das divisórias internas seria pouco alterado, preservando os dois pátios internos, as circulações originais (verticais e horizontais) e, conseqüentemente, os dois acessos ao edifício (pela avenida São João e pela Rua Abelardo Pinto).

Como mencionado, o Hotel contava com 47 quartos. Estes deram lugar a 26 unidades, organizadas em três tipologias: apartamentos de um dormitório dispostos horizontalmente, apartamentos de um dormitório dispostos verticalmente (duplex) e *kitnets*. O tamanho médio é de 45 m².

A realização preservou todos os elementos estruturais originais, especialmente as paredes auto - portantes. Não houve alteração no desenho das circulações horizontais e verticais do edifício, e as dimensões das unidades foram definidas a partir da demolição de alvenarias internas, muitas vezes, de construção recente. Praticamente, voltou-se ao que era. A exceção foi a ampliação das unidades de final 3 em cerca de 8 m², através da construção de uma estrutura metálica revestida com placas de gesso acartonado que permitiu a instalação de uma cozinha com área de serviço.

Imagens 26 e 27: pavimentos tipo

FONTE: Acervo Roberto Toffoli S. da Silva

Essa mudança seguiu os princípios da distinguibilidade e da retrabalhabilidade. A estrutura foi concebida através de técnicas atuais que “dialogam” com as originais. A estrutura metálica foi soldada em perfis existentes e cuja função é o travamento horizontal das alvenarias portantes. A adoção dos fechamentos em gesso foi determinada pela necessidade de se criar uma solução leve, cujas cargas respeitassem a resistência da estrutura histórica. Eles também contribuíram para o estabelecimento de uma linguagem atual, distinguindo o conjunto do edifício de 1918. Já o princípio da retrabalhabilidade esteve presente na utilização de técnicas industrializadas da construção da ampliação. Pode-se dizer que o retorno ao desenho original é simples, na medida em que toda a estrutura metálica é desmontável e os serviços de recomposição das aberturas são simples. Essa foi a única modificação de volumetria apresentada.

Imagem 28 e 29: cortes

FONTE: Acervo Roberto Toffoli S. da Silva

Às demais unidades, foram acrescentadas de banheiros e cozinhas segundo os padrões de instalações vigentes. As unidades dispõem de abastecimento de água, luz, telefone e gás independentes como qualquer outro edifício, e dispõem de um sistema de cabeamento, que permite o uso da internet e de TV aberta. Internamente, além das circulações, foram preservados os trabalhos em estuque nos forros do edifício. Em determinadas unidades, foram detectadas estruturas abobadadas em tijolo, requadradas por perfis metálicos, que foram restauradas. Alguns proprietários optaram por deixarem-nas a parente, como “forro” de suas moradias.

Também foram preservadas as estruturas de piso e os assoalhos em peroba rosa. Os elementos estavam escondidos abaixo de uma forração que foi retirada para a raspagem seguida da aplicação de produtos adequados para o restauro e proteção. O mesmo foi feito em relação às portas e janelas. No entanto, o acabamento foi dado através da aplicação de massa para madeira e tinta esmalte branco. As janelas externas foram mantidas na mesma tonalidade de verde em virtude de certas análises pictográficas mostrar-se inconclusivas, e as venezianas foram removidas como previsto no projeto original.

A pintura interna seguiu a mesma tonalidade da externa. Todavia, a tinta utilizada foi PVA, uma vez que a sua manutenção seria mais fácil. Não é comum a

utilização de silicato de potássio em pinturas internas (ainda que isso seja bastante possível). Portanto, a escolha do material interno baseou-se em certo conservadorismo.

Metodologia e Desenvolvimento dos Serviços

Imagem 30,31,32: Trabalhos da equipe de restauração

FONTE: Acervo Roberto Toffoli S. da Silva

A metodologia adotada aproxima-se da abordagem *support/infill*, quando “[...] chamamos de *support* os sistemas estruturais e de circulação vertical que devem funcionar como pontes ou auto-estradas. Já os sistemas *infill* (ou recheio) são os carros que transitam sobre as pontes e evoluem com o tempo.” (DEVECCHI, 2010, p. 277). Em outras palavras, foram organizadas duas frentes de serviços distintas e coordenadas: aquela que trabalhou os elementos históricos (fachadas, pisos, caixilhos, portas e elementos em estuque) e a segunda, responsável por

elementos de estrutura e infra-estrutura. De certa maneira, uma dedicou-se às questões culturais e a outra, aos problemas tradicionais da construção civil.

Criaram-se duas equipes, portanto, cada qual com profissionais dotados de habilidades específicas. Para as atividades de restauração foram treinados pedreiros, serralheiros e marceneiros, no intuito de fornecer-lhes conceitos básicos dos cuidados necessários e das técnicas originais. Foi contratado um escultor para a realização dos serviços de “frentista” uma vez que essa categoria profissional inexistia na cidade de São Paulo atualmente. Os trabalhadores caracterizaram-se pelo zelo e paciência com que desenvolviam os serviços, o que os diferencia da maior parte dos profissionais que atuam na construção civil.

Imagens 33,34,35,36: Equipes de “Reforma”

FONTE: Acervo Roberto Toffoli S. da Silva

Já a equipe que atuou nas frentes de “reforma” apresentava formação mais tradicional. Foram contratados pedreiros, serventes, encanadores, eletricitas, carpinteiros e marceneiros que desempenharam suas funções de maneira corriqueira. Uma preocupação esteve no âmbito da engenharia de segurança, uma vez que as estruturas originais necessitavam de reforços e o edifício oferecia uma

série de riscos de desabamento. A equipe recebeu os treinamentos necessários a capacitação para o desenvolvimento desses serviços.

A troca das instalações prediais foi outro ponto importante. Adotaram-se parâmetros alinhados às discussões de sustentabilidade: os sistemas de abastecimento de energia privilegiaram soluções de maior economia no consumo, houve controle no desperdício de materiais bem como nos locais de descarte, que deveriam estar devidamente regularizados junto às autoridades públicas. Além disso, as relações profissionais seguiram os parâmetros estabelecidos pelas normas e legislações pertinentes.

Imagens 37,38,39 : de áreas internas recuperadas

FONTE: Acervo Roberto Toffoli S. da Silva

Quanto à contribuição das estruturas originais para o conforto ambiental e a perspectiva sustentável, é oportuno perceber que não existem instalações para ar condicionado, uma vez que o conforto térmico é garantido pelas características do

próprio ecletismo – grandes aberturas, pé-direito de 4,6 metros além da inércia térmica do edifício. Nesse sentido, como mencionado anteriormente, a restauração reafirmou a orientação sustentável na “confeção” das novas unidades habitacionais.

Por fim, uma questão particularmente complexa nesse tipo de intervenção: a organização física das estruturas de apoio e logística. O canteiro de obras foi organizado no primeiro pavimento. Refeitório, vestiário, escritório, almoxarifado, ambulatório e área de carga e descarga caracterizaram o espaço. No entanto, em virtude da ausência de áreas externas, em que se pudessem construir “barracões”, optou-se pela redução dos estoques de material. As compras eram realizadas, mas aproveitavam-se as áreas de estoque do próprio fornecedor. Todas as entregas aconteciam no período noturno. Essas questões implicam custos adicionais, tais como horas extras e adicionais noturnos, encarecendo esse tipo de intervenção.

3.3 Estratégias de Preservação

A estratégia de preservação baseou-se na mudança de uso. Ao substituir o hoteleiro pelo habitacional, valorizaram-se aspectos culturais do imóvel, atraindo um público interessado no valor artístico e histórico do edifício. Foi o interesse desse público que, de modo geral, apresenta maior poder aquisitivo, que garante a existência de recursos para a manutenção – sejam os elementos históricos, sejam os atuais.

Essa discussão é particularmente complexa no Brasil. Boa parte das propostas de intervenção em sítios históricos usa da prerrogativa de que as habitações resultantes devem ser destinadas a população de baixa renda. Existem legislações e programas públicos que tratam da modalidade, mas cujos resultados mostram-se pouco expressivos. Iniciativas como o Programa de Arrendamento Residencial da Caixa Econômica Federal em São Paulo (PAR-CEF) produziu um número pequeno de unidades. Os apartamentos reformados apresentam inúmeros problemas, tais como infiltrações e a deterioração das instalações prediais por falta de manutenção. Alguns consideram a situação resultado da baixa

qualidade dos serviços realizados pelas construtoras; outros, da falta de cultura da população brasileira em termos da preservação do espaço recuperado. Independente da resposta, o fato é que a habitação popular enfrenta limitações claras para a ocupação de edifícios pré-existentes. Isso fica mais grave ao se considerar edifícios históricos.

Essas construções exigem cuidados específicos. Instrumentos como análises de pós-ocupação e relatórios periódicos sobre a evolução do comportamento dos elementos estruturais são fundamentais para garantir a qualidade do ambiente e a segurança de seus usuários. Por exemplo, as regiões que receberam reforços estruturais devem ser monitoradas para se verificar o novo estágio de equilíbrio da peça recuperada.

Não menos importante é a preservação dos elementos históricos. A manutenção de pisos, trabalhos em estuque, peças de marcenaria como portas e janelas, exigem constantes cuidados para que seu estado restaurado seja mantido. Isso garante em grande parte a qualidade do ambiente e estimula o cuidado por parte dos próprios usuários do imóvel. O empreendimento foi direcionado a indivíduos de maior poder aquisitivo em parte porque isso permitiria uma preservação melhor do edifício. Assim, existem taxas e contribuições de manutenção que permitem a realização de diversos serviços dedicados às melhorias necessárias e a devida manutenção.

Portanto, o Residencial Américo Simões é uma expressão recente da cultura de preservação no Brasil. Ele revela um processo amplo de investigação e proposição por um grupo de particulares interessados em criar uma abordagem atual sobre o problema de requalificação de edifícios deteriorados. Os trabalhos demonstram que o edifício tem uma história intimamente relacionada com o crescimento econômico da cidade e, em particular, na estruturação do mercado imobiliário em moldes capitalistas. Também reitera as qualidades do ecletismo enquanto fenômeno que incentivou processos de maior racionalização da construção civil, ainda que sua linguagem seja freqüentemente associada a dinâmicas aristocráticas. No processo de “atualização” esses elementos foram considerados.

O novo projeto foi inserido em um cenário mais amplo, que prevê um conjunto de melhorias no centro da cidade – a chamada “Revitalização do centro”, e alinha-se, portanto, a uma série de iniciativas internacionais, principalmente, em países como a França. Ele segue a orientação de que a iniciativa privada tem um papel a desempenhar nesses processos e que deve articular-se com o Poder Público para potencializar o resultado dos seus esforços.

Foram produzidas unidades habitacionais que dispõem da infra-estrutura necessária ao desenvolvimento da vida hoje e que buscaram explicitar a integração entre os elementos históricos e as intervenções atuais. O resultado plástico atraiu indivíduos de sensibilidade maior para a produção artística ao mesmo tempo em que tem exigências atuais. Assim, tanto os problemas de caráter geral quanto as questões pontuais foram trabalhadas, oferecendo uma maneira de preservar o patrimônio cultural através da participação da iniciativa privada.

4. PATRIMÔNIO UNIVERSITÁRIO

O segundo *uso* dos edifícios históricos que selecionamos é acadêmico. A ocupação de imóveis tombados com atividades de ensino e pesquisa mostra-se solução possível para a preservação do legado arquitetônico nas instituições de ensino superior. Além disso, são intervenções que podem contribuir com os estudos de preservação e sustentabilidade na construção civil, uma vez que as atividades acadêmicas permitem o aprofundamento das questões que se colocam em seu próprio cotidiano. Ou seja, preservar o patrimônio universitário é oportunidade de pesquisa.

Imagem 40: Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" – Piracicaba/SP

Fonte: Acervo Roberto T. S. Da Silva

Em agosto de 2012, as Professoras Beatriz Mughaiar Kuhl e Maria Lucia Bressan Pinheiro organizaram um seminário sobre Patrimônio Universitário na FAU - USP, que contou com expoentes nacionais e europeus. De modo geral, são projetos complexos, cujo interesse está presente tanto na reintegração dos edifícios históricos à contemporaneidade quanto nas pesquisas e formação de mão-de-obra especializada. Por exemplo, na Universidade de São Paulo surgiram

projetos nos últimos 20 anos que promoveram estratégias de preservação a partir da modernização de edifícios tombados, o que resultou em salas de aula, auditórios, laboratórios, bibliotecas,..., espaços adequados às atividades de ensino, pesquisa e administração. Paralelamente, foram criados cursos e promovidas bolsas de pesquisa e formação técnica a indivíduos que acompanharam e participaram ativamente das atividades de requalificação dos espaços originais. Os resultados foram animadores e reiteram essa dimensão dual dos projetos, de valorização cultural e pedagógica.

Essa percepção resultou, por exemplo, na criação de disciplina interdepartamental na FAU – USP, contando com professores do Departamento de História e Estética da Arquitetura (as já mencionadas Beatriz e Maria Lucia), de Projeto (os Professores Helena Ayoub Silva e Antônio Carlos Barossi) e de Tecnologia da Construção (Roberta Kronka Mülfarth e Cláudia de Andrade Oliveira), ministrada no primeiro semestre de 2013. O objetivo da disciplina é justamente explorar o potencial crítico e técnico do patrimônio universitário, a partir da análise de problemas de preservação identificados nos edifícios da FAU. Ou seja, os edifícios ensinam.

Por isso, faz-se oportuna a aproximação de casos que assumem importância técnica e simbólica: o Instituto Oscar Freire, da Faculdade de Medicina, e a FAU – Vila Penteado. São dois dos primeiros edifícios da USP, alimentados pelo estilo eclético, e cuja origem está intimamente relacionada ao desenvolvimento da cidade de São Paulo. Ainda hoje se mantêm como institutos ativos em suas respectivas áreas de conhecimento e promovem a seus usuários oportunidades singulares de convívio em espaços preservados, que articulam ambientações históricas às atividades contemporâneas.

4.1 Instituto Oscar Freire – Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

Imagem 41 – Instituto Oscar Freire.

FONTE: Acervo Bolanho Arquitetura e Restauro Ltda

Atualmente, o edifício é ocupado pelos departamentos de Medicina Legal, Ética Médica, Medicina Social e do Trabalho. Dentre os ambientes encontram-se um museu, laboratórios, salas de aula, salas de reunião, salas de atendimento, anfiteatro, área administrativa e serviços de apoio. A partir de meados da década de 2010, passou por processo de modernização que ainda não foi concluído, mas que já apresenta soluções e organizações que viabilizam o debate. A seguir, discorreremos sobre seus valores e estratégias de preservação

4.1.1 Valor Cultural

O IOF foi concebido como escola de medicina e o seu valor cultural está intimamente relacionado a isso (SILVA; KATINSKY; KATINSKY, 2009). A Faculdade de Medicina e Cirurgia foi inaugurada em 1912. Sua criação representa importante

momento na organização das pesquisas acadêmicas na área, além de contribuir para consolidação da cidade como pólo de tratamento médico, ao lado da Santa Casa de Misericórdia (1884), em Santa Cecília, e o Hospital Matarazzo (1904), na região da Avenida Paulista. É mais um aspecto da projeção paulista no cenário econômico brasileiro, decorrente do crescimento da atividade cafeeira.

Imagem 42: Faculdade de Medicina da USP: vista aérea de conjunto do prédio, antes da construção do Hospital das Clínicas. Data: 194-.

FONTE: Arquivo Mídias Online / USP Imagens

Inicialmente, seus cursos eram ministrados em outros institutos, como a Escola Politécnica e a Escola de Comércio Álvares Penteado. A situação só foi equacionada a partir de 1919, quando se contratou o Escritório Técnico Ramos de Azevedo para a elaboração dos projetos da nova sede da Instituição. O partido arquitetônico adotado era de influência européia e consistia na distribuição dos cursos por um conjunto de pavilhões distintos, cada qual dedicado a uma especialidade médica, de acordo com a orientação dos Tratados de Arquitetura vigentes ao final do século XIX e início do século XX. A construção do primeiro pavilhão, da Medicina Legal, foi concluída em 1921. O programa contava com Clínica Médico-legal, Técnica de Laboratório, Tanatologia, Identificação, Hispatologia, Fotografia, Radiologia, Imunologia, Biotipologia, Psicopatologia, Toxicologia, Ceroplastia e desenho, Museu, Biblioteca, Sala de Professores, Serviços de apoio e Zeladoria (SILVA; KATINSKY; KATINSKY, 2009).

Contudo, a aproximação da Universidade com grupos norte-americanos, como a Fundação Rockefeller, acarretou profundo impacto na concepção global da nova escola. O conjunto de pavilhões de influência francesa deu lugar a único edifício também eclético, concluído em 1931, e cujo partido arquitetônico evidenciava conceituações voltadas à multidisciplinaridade, evidenciando clara mudança nas influências culturais da Instituição.

Imagem 43 - Pavilhão da FMUSP, projeto original de Francisco de Paula Ramos de Azevedo

FONTE: SILVA, KATINSKY, KATINSKY, 2009.

Tais mudanças impactaram na ocupação do Instituto Oscar Freire. Como idealizado, a Cátedra de Medicina Legal assumiu o imóvel em 1921. Porém, já em 1924, cedeu o espaço para as Cátedras de Anatomia descritiva e Patológica, mudando-se para a Santa Casa até 1931. Em 1982, o Conselho do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT) tomba o edifício, em virtude da sua relevância para a história do ensino de medicina e das suas características estéticas.

O Projeto Original:

O IOF foi o único edifício do plano original que foi construído. Sua concepção caracterizava-se por:

- a) Organizar funcionalmente os espaços internos através de longos corredores que fazem a articulação de todas as salas, laboratórios e anfiteatro;
- b) Privilegiar aspectos de iluminação e ventilação;
- c) Promover a integração de soluções de fachada e, portanto, produzir volumetrias que evidenciam as soluções espaciais internas;
- d) Articular técnicas tradicionais de construção com elementos industrializados.

Inicialmente, é notável que o partido arquitetônico adotado apresente solução simétrica, a partir de dois eixos ortogonais. O primeiro, longitudinal compreende o longo corredor existente em todos os três níveis da edificação e faz a articulação já mencionada dos espaços com suas respectivas funções; o segundo, transversal, por outro lado, divide o edifício em dois setores equivalentes e tem como elemento central o acesso principal da edificação e o anfiteatro, utilizado naquele momento para as aulas práticas dos departamentos da escola. Tal configuração é evidente nas plantas a seguir:

Imagens 44,45,46 - IOF: Primeiro, segundo e terceiro pavimentos

FONTE: SILVA, KATINSKY, KATINSKY, 2009

As plantas evidenciam os cuidados com as condições de uso e ocupação do imóvel, especificamente, ventilação e iluminação dos cômodos. A distribuição é feita de maneira que dispensa a existência de pátios internos. Reiteramos que o ecletismo é fruto de mudanças técnicas e ideológicas na produção do espaço urbano. Dentre as mais expressivas está o cuidado com a salubridade dos espaços produzidos, evitando assim uma série de problemas típicos de ambientes inadequados à ocupação humana, o que se faz premente em ambientes destinados

às atividades médicas. Dessa maneira, elementos como a implantação e a modenatura do edifício assumem papéis relevantes, na medida em que potencializam a entrada de luz e a existência de ventilações cruzadas.

Imagens 47,48: Fachadas frontal e posterior

FONTE: SILVA, KATINSKY, KATINSKY, 2009

Uma consequência natural das duas características citadas – da articulação dos espaços e do tratamento de fachadas – decorre outra também marcante, a relação intrínseca entre espaços internos e solução volumétrica. Essa aproximação deve ser entendida como evolução das concepções de projeto e construção

envolvidas, que tendiam a aproximar cada vez mais as noções de forma e função. Assim, a organização funcional dos ambientes era perceptível através das volumetrias que marcavam as fachadas externas.

A disposição dos espaços foi organizada em três níveis distintos – um porão semi-enterrado e dois pavimentos superiores. A escolha desse modelo será descrita de maneira pormenorizada ao analisarmos a FAU – Vila Penteado, que apresenta características similares. Por hora, contudo, é importante notar que a solução formal do edifício coordena resquícios da visão clássica, presente nos adornos de fachada, com esses novos entendimentos espaciais.

Os procedimentos construtivos utilizados nessa obra incorporaram uma série de soluções técnicas de maior desenvolvimento tecnológico às técnicas locais de construção, isto é, o uso de perfis metálicos laminados, peças de madeira padronizadas, vidros, espelhos, alvenarias de tijolos de barro... Portanto, percebe-se que o valor histórico do IOF partilha de aspectos também presentes no Residencial Américo Simões, principalmente da racionalidade dos sistemas mistos de construção aplicados. Por outro lado, sua criação não se estabelece vínculos com o mercado imobiliário como no caso das *masons de rapport*, mas representa mudanças significativas no âmbito da pesquisa e do ensino de medicina na cidade. Essa é a base para a sua preservação.

4.1.2 Valor Autoral

A restauração do Instituto Oscar Freire fez parte do programa amplo, que envolvia toda a FMUSP. Esse processo teve início dos anos 2000, e contou com a participação de profissionais como a Professora Helena Aparecida Ayoub Silva e Júlio Roberto Katinsky, além da arquiteta Tereza Katinsky. Os serviços técnicos envolveram todos os edifícios históricos da escola, e adotaram como estratégia de preservação a coordenação entre instalações técnicas (necessárias ao desenvolvimento das atividades acadêmicas) e os bens tombados do complexo.

As diretrizes do projeto de restauração partiram dos princípios divulgados na teoria da restauração (menor intervenção, distinguibilidade,

retrabalhabilidade,...) o que atribuiu valores sustentáveis ao resgatar soluções que já privilegiavam a iluminação e a ventilação natural. Ou seja, a solução eclética, quando respeitada, incorporava uma série de respostas adequadas a relação do edifício com o meio ambiente.

31

Imagem 49: projeto de restauro

FONTE: SILVA, KATINSKY, KATINSKY, 2009

Contudo, nem sempre isso se mostrou viável. Alguns ambientes, como laboratórios e sala de professores exigem um controle climático maior segundo as especificações estabelecidas pelos seus usuários. Assim o uso de equipamentos de ar condicionado mostrou-se necessário. Além disso, o consumo de energia elétrica também apresentava demandas crescentes que também acompanham a evolução de outros tipos de equipamento. Nesses casos, o processo de modernização adaptou o ambiente a essas necessidades.

De qualquer maneira, é evidente a aproximação entre idéias como restauração e sustentabilidade nesse projeto. O ecletismo foi um movimento que marca grande desenvolvimento da indústria da construção civil, bem como na formação dos arquitetos. O sentido funcional da edificação fica cada vez mais

evidente, o que prioriza elementos clássicos do conforto ambiental. Restaurá-los permite a racionalização de recursos energéticos, além de potencializar a edificação pré-existente ao reintegrá-la à contemporaneidade.

Nesse ponto é oportuno ressaltar a importância das empresas envolvidas na restauração, particularmente, a Bolanho Arquitetura e Restauro Ltda. Criada em 1942, pelo Sr. Salvador Bolanho, foi pioneira nas atividades de restauro no Estado de São Paulo. Sob a coordenação dos arquitetos Eideval e Adhemar, participaram de restaurações expressivas tais como o Teatro Municipal de São Paulo, a Casa das Retortas, o Mercado Municipal, dentre outras. Sobre a Faculdade de Medicina o Sr. Adhemar preocupava-se em “[...] garantir a dimensão experimental dos serviços, construindo conjuntamente com os arquitetos projetistas e demais fiscais as melhores soluções para o IOF.”⁸ Ou seja, as que melhor evidenciassem os valores culturais que estimulavam aquela preservação. A seguir apresentaremos o conjunto de intervenções que marcaram a restauração do bem.

a) Obras internas:

As intervenções foram realizadas respeitando os ambientes originais (com exceção dos espaços situados no porão e que foram ocupados por laboratórios). De modo geral, o processo caracterizou-se pela modernização das instalações com maximização do aproveitamento de iluminação e conforto ambiental que o edifício promovia desde a sua construção. Para ilustrar citemos três espaços distintos: a administração, os laboratórios e o anfiteatro.

⁸ Essa conversa se deu entre nós pouco antes de iniciarmos os serviços, no escritório da Bolanho, quando aceitei o convite de participar da obra como arquiteto residente.

Imagens 50, 51, 52: ambientes internos anfiteatro

FONTE: SILVA, KATINSKY, KATINSKY, 2009

O espaço da administração localiza-se junto à entrada principal do edifício, onde os funcionários distribuem-se em duas grandes salas. Uma da coordenação e outra que compreende as demais secretarias. As instalações de lógica e elétrica são aparentes e foram executadas de acordo com as normas técnicas vigentes. Entretanto, o que mais chama a atenção foi o respeito ao ambiente original: piso, revestimentos de parede e forro, caixilharia, portas e batentes... Tudo está de acordo com o projeto original e passou por um processo recente de restauração. Além disso, as condições ambientais usufruem das especificações originais, com bons níveis de ventilação e conforto térmico (que é acentuado pela existência do porão semi-enterrado).

Os laboratórios concentram-se nesse porão. A configuração original da planta desse nível foi bastante alterada, com ambientes divididos e acessos fechados, a fim de aumentar as restrições a pessoas não autorizadas. Em virtude da existência de equipamentos e procedimentos investigativos sensíveis às variações térmicas, boa parte das salas recebe climatização de ar condicionado. Nesse aspecto, apesar do porão exercer um papel importante no conforto do edifício como um todo, inexistente um sistema centralizado de ar condicionado. Certas salas ainda dispõem de sistemas antiquados, sem aproveitar as características de conforto ambiental original tão pouco de inserir novas tecnologias que melhorem o desempenho das funções atuais. Dos ambientes internos, a região dos laboratórios não foi concebida a partir de um projeto global, o que limita o próprio aproveitamento do porão à luz dos princípios da sustentabilidade.

Por fim, dos ambientes internos que receberam o tratamento contemporâneo mais expressivo foi o anfiteatro. Houve a substituição integral do

mobiliário, com a implantação de elementos acústicos de forro e revestimento de parede. O desenho original de piso fora respeitado e as aberturas foram lacradas, isolando o espaço interno que passou a ser climatizado e iluminado artificialmente. Entretanto, esse partido em particular pode ser compreendido através das demandas de uso e ocupação do ambiente. Suas dimensões, os equipamentos utilizados e a concentração de grande número de pessoas superaram o programa original, exigindo novos parâmetros de conforto ambiental. Ainda assim, é possível realizar a leitura do espaço original e perceber o cuidado em equilibrarem-se as demandas atuais com o valor cultural do espaço.

Assim, pode-se dizer que as obras internas foram objeto de reflexão e afirmação dos valores espaciais originais, que salvo algumas exceções (especialmente no porão) foram devidamente preservados.

b) Restauro das fachadas:

Imagem 53: restauração da fachada

FONTE: SILVA, KATINSKY, KATINSKY, 2009

A restauração das fachadas históricas do imóvel foi concebida a partir de prospecções que detectaram um tipo de pigmentação da argamassa original, cuja técnica denomina-se *velatura*. Segundo a consultoria prestada pelo Estúdio

Sarassar, esse procedimento baseia-se na aplicação de um composto adquirido a partir da dissolução de um pigmento óxido em uma solução de cal e água. O alto volume de água em relação a cal e ao óxido contribui para sua fixação no substrato do edifício, pigmentando-o e contribuindo para sua estruturação. Além disso, a solução de recuperação das técnicas de pigmentação originais descartou a utilização de produtos químicos utilizados hoje, tais como o silicato de potássio, reafirmando o sentido sustentável do projeto.

Imagem 54 – Instituto Oscar Freire – depois da restauração

FONTE: Acervo Bolanho Arquitetura e Restauro Ltda.

Os trabalhos foram organizados em:

- Restauração das argamassas originais;
- Restauração dos caixilhos de madeira;
- Restauração dos dutos de queda do sistema de captação de água pluvial.

A primeira etapa correspondeu aos trabalhos mais significativos do ponto de vista quantitativo. Foram restaurados cerca de 2500m² de fachada compostas por argamassa original de emboço, sem chapisco e sem reboco, com aproximadamente 2 cm de espessura, através de 3 procedimentos distintos: consolidação de argamassas soltas, substituição de argamassas deterioradas por novas e aplicação da *velatura*.

A consolidação foi executada através da aplicação de resina entre a alvenaria de tijolos de barro e os “panos” soltos. Para isso foram realizados diversos furos nas áreas identificadas, nos quais se aplicaram por intermédio de seringas os produtos que garantiram a estabilidade dessas áreas.

Já nos locais em que a argamassa mostrava-se disfuncional, foi aplicado um chapisco para facilitar a aderência da nova argamassa – ainda que isso não estivesse presente no sistema original, e cujo traço de cimento e areia foi 1:3. A partir de então, aplicamos uma argamassa cujo traço de cimento, cal e areia foi estabelecido através da análise fornecida pelo IPT e cujo traço foi de 1:2:7. Essa massa foi aplicada na forma de emboço, tal qual a original.

Por fim, aplicaram-se 15 demãos de velatura, produzidas a partir de uma relação em volume de cal e água de 1:15, com a seguinte especificação de pigmentação: 180 litros de água limpa, 7 kg de cal, 14 tampinhas (de refrigerante) de pigmento amarelo, 1 tampa de pigmento preto e 1 tampa de pigmento vermelho. Tais procedimentos contribuíram sensivelmente para a consolidação de todo o conjunto, comprovando que essa técnica pode contribuir para diversas obras de restauração de edifícios ecléticos, além de estar alinhada aos atuais princípios de sustentabilidade.

Ainda foram aplicadas camadas de produto hidro-repelente a base de silano-siloxano tanto nas fachadas quanto no embasamento de granito, a fim de proteger as superfícies das intempéries e dos produtos químicos presentes na atmosfera e que aceleram o processo de deterioração do conjunto.

Já os caixilhos de madeira, originalmente construídos com a madeira Pinho de Riga, apresentavam diversas camadas de tinta. Apesar da necessidade em retificar-se a estética original do edifício, constatou-se que a presença daquelas camadas contribuiu para a boa preservação de janelas e portas, uma vez que evitavam o contato direto da madeira com a água das chuvas e o ar atmosférico.

Assim, optou-se por um conjunto de serviços iniciados pela substituição pontual de elementos quebrados (tais com pingadeiras), seguidos pela aplicação de lixa nas camadas soltas de tinta, aplicação de massa para madeira para daí sim

aplicar mais duas ou três demãos de tinta esmalte. Isso garantiu a homogeneidade do conjunto, com a cor e as texturas especificadas em projeto.

Outro aspecto importante dessa frente de trabalho foram os procedimentos adotados em relação às ferragens e vidros das janelas. Todas as ferragens (cremonas, trincos, fechaduras) foram restauradas, resgatando a funcionalidade do sistema. Já os vidros originais que estavam danificados foram substituídos. O vitral presente em uma das fachadas teve suas peças danificadas trocadas e o vidro de proteção foi reinstalado.

Por fim, o último elemento restaurado das fachadas, foram os tubos de queda de água pluvial, desamassados quando possível e substituídos por outros de chapa galvanizada quando seu estado de deterioração inviabilizava a reutilização. Esse trabalho estava vinculado à restauração de toda a cobertura, que foi inteiramente refeita. Apesar de não termos acesso a esse registro em particular, segundo depoimentos, sabemos que o madeiramento foi refeito, as telhas substituídas e o sistema de proteção de descargas atmosféricas modernizado.

4.1.3 Estratégia de Preservação

O processo de restauração do IOF compreendeu atividades voltadas ao tratamento das estruturas originais bem como a modernização necessária para os trabalhos em laboratório, aulas e administração. Isto é, a estratégia de preservação passou necessariamente pelo reconhecimento dos valores culturais presentes no edifício e pela promoção de soluções contemporâneas pouco invasivas. Como mencionado anteriormente, as qualidades ambientais do edifício foram valorizadas, ainda que certos espaços ainda careçam de melhores cuidados. Por exemplo, os elementos da estética original, tais como portas, janelas, pisos, forros foram mantidos e recuperados. Sua articulação com as instalações e com os equipamentos necessários as atividades acadêmicas mostra-se positiva e de dupla valorização – do passado e do moderno.

De certa maneira, isso decorre da própria consciência cultural da comunidade médica da Universidade de São Paulo a cerca do valor histórico dos

seus edifícios. A restauração da FMUSP como um todo, assim como do IOF, faz parte de um processo mais amplo, em que o patrimônio universitário é a um só tempo objeto de estudo e intervenção. Para ilustrar, citemos o mestrado *Quadrilátero da saúde: espaço de ensino, pesquisa e saúde pública em São Paulo* (MIURA, 2012), que versa sobre os valores culturais presentes naquele complexo. Esse estudo foi motivado, em grande parte, por análises promovidas pelo corpo técnico do CONDEPHAAT, dentre as quais se destacam aquelas desenvolvidas pela arquiteta Silvia Wolff para o processo de tombamento da área. Novamente, a preservação enquanto pesquisa e prática de arquitetura. Essa estratégia, diferentemente do que foi realizado no Residencial Américo Simões, foi promovida a partir da crescente conscientização da comunidade dedicada à preservação dos bens culturais, por um lado, e da lógica dos serviços públicos, por outro. Como veremos na discussão da preservação da FAU – Vila Penteado, isso é relevante.

4.2 FAU – Vila Penteado

Imagem 55 – pintura mural

FONTE: Acervo Roberto Toffoli Simoens da Silva

“No caso da FAU-Maranhão, cabe enfatizar que seu uso como sede dos cursos da pós-graduação da FAUUSP é perfeitamente compatível com as características do edifício, que é caracterizado por espaços segmentados de uma residência de inícios do século XX, com alvenaria portante de tijolos e estruturas de madeira que sustentam seus pisos. Esse uso permitiu que, ao longo de quase meio século, a casa fosse preservada e utilizada de maneira condigna, possibilitando algo essencial: que se tenha leitura concomitante de um espaço residencial, que se transformou ao longo do tempo, e do espaço voltado a um uso institucional público.”⁹

O edifício da Vila Penteado é palco das atividades de pós-graduação da FAU – USP. A história do edifício confunde-se com a história da própria instituição e, por isso, assume papel relevante no debate nacional. Sua ocupação e as estratégias de preservação se dão na medida em que a historiografia da arquitetura brasileira é desenvolvida, demonstrando que o cuidado com o patrimônio mantém estreito

⁹ KUHL, Beartiz Mugayar, SILVA, Helena Aparecida Ayoub, OLIVEIRA, Cláudia Terezinha de Andrade : *Fau Maranhão. Considerações sobre Uso e Transformação*. Parecer solicitado pela direção da FAU-USP, durante a gestão do Professor Silvio Sawaya.

vínculo com o grau de consciência que as comunidades têm dos valores culturais ali presentes. Em recente artigo que faz parte da comemoração dos 110 anos da FAU – Maranhão, tivemos a oportunidade de analisar o desenvolvimento das práticas de restauro na casa, e recorreremos a tal material para recompor a atmosfera que envolve esse processo de preservação.

4.2.1 Valor Cultural

Imagem 56 – elevação Rua Maranhão

FONTE: Helena Ayoub Arquitetos Associados

Ao contrário do IOF, a Vila Penteado foi concebida como residência em 1902, pelo arquiteto Carlos Ekman que, sueco radicado no Brasil, foi dos principais expoentes do *Art-nouveau* na capital paulista (REITER, 1993, p.15-16):

“Em Copenhague foi contemporâneo de H.J. Holm, Ludvig Fenger e Martin Nyrop. Eram esses adeptos de uma ‘verídica’ construção, de forma que as fachadas das construções deviam ser a expressão das funções do interior do prédio. Esses arquitetos tinham um marcante interesse pela arquitetura em tijolo e ferro fundido, e respeito pelos conhecimentos artísticos dos artesãos tradicionais. Estes ideais viriam, mais tarde, a culminar em um movimento a favor da ‘expressão da verdade’, e tentativa de recuperar o respeito pelo artesanato, como por exemplo o que Ruskin e Willian Morris começaram durante o ano de 1890, e que culminou com o Art Nouveau – Arte e Arquitetura – assim como mais tarde, o Romantismo Nacional.”

Sua vinda ao país fora estimulada pela efervescência promovida pela economia cafeeira. Sua visão arquitetônica poderia ser incorporada à emergente

cultura urbana que refletia as modificações da mentalidade local e das novas possibilidades técnicas disponíveis no mercado paulistano. Por isso, é importante frisar que o partido arquitetônico original foi condizente com os novos programas de atividades das residências burguesas, ainda que o Ecletismo e o Art-nouveau apresentassem distinções¹⁰ (SILVA, 2012, p. 313-314):

“O programa das habitações ricas passou por profundas mudanças na Europa, desde o século XVIII. O desenho das casas expressava inovações na ordem social vigente e incorporavam elementos de maior funcionalidade (espacial e construtiva), tecendo repartições alternativas no ambiente doméstico e primando por princípios de maior salubridade, tais como arejamento adequado e iluminação.

Esse modelo gerou uma concepção do morar à francesa, descrita de maneira didática em tratados elaborados por arquitetos como Julien Guadet, da École de Beaux Arts francesa, e Louis Cloquet, da École Du Génie Civile de Gant, onde estudara Francisco de Paula Ramos de Azevedo. Tais apontamentos estabeleciam novos sistemas de articulação entre as áreas de convivência coletiva, íntima e os serviços. Apesar do discurso de adaptação do partido arquitetônico às necessidades da família que encomendava os projetos, é fato que o resultado formal apresentava poucas variações. As edificações eram concebidas a partir de três níveis: um porão, semi-enterrado, com pé direito de até 3 metros de altura; o segundo pavimento, em que se concentravam as atividades de convívio social e serviços; e por fim, um terceiro andar, dedicado à intimidade da família.

Quanto ao programa arquitetônico, frequentemente o número de funções superava 30, demonstrando uma variação superior à tradição residencial em São Paulo até então. No porão, ou em edificações externas destinadas aos serviços de apoio, situavam-se cozinha, despensa, vestíbulo, lavanderia, sala de engomar, adega e quartos de empregados (no jardim, ficava a estufa, as cavalariças, as cocheiras e o depósito de veículos, canil, galinheiro, horta,...).

As salas de convivência social eram hierarquizadas a partir de um amplo salão de refeições, com contato direto à área destinada à cozinha e demais serviços. Além deste salão existiam salas de apoio (service, segundo Ramos de Azevedo), salas de convivência masculina, feminina, sala de música, jogos, quarto de hóspedes, além de um gabinete com acesso externo para o recebimento de visitas a negócio. Estes espaços estavam também articulados a partir de um vestíbulo, situado bem no acesso principal da casa.

Existiam poucos banheiros, e nem sempre o local do banho coincidia com a instalação dos equipamentos sanitários. No segundo andar, o posicionamento do banheiro dava-se nas proximidades da cozinha revelando uma preocupação de economia com a racionalidade nas instalações de hidro-sanitárias de ferro fundido.

No andar superior ficavam os dormitórios, com acessos restritos à família, por uma escada específica, enquanto os serviços chegavam ao ambiente por uma segunda escadaria,

¹⁰ O avanço das pesquisas mostra que o Art-nouveau representa movimento distinto do Ecletismo, principalmente, nas propostas inovadoras de aproximação de diversas expressões artísticas com visões profundamente influenciadas pelas utopias do século XIX. Ver HOBBSAWN, Eric: *Tempos Fraturados: cultura e sociedade no século XX*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2013.

situada ao fundo da casa e que por vezes a contactava com o sótão. Essa organização também está presente no desenho da Vila Penteado.”

Essa disposição também está presente o Instituto Oscar Freire: um porão semienterrado, onde ficam os laboratórios, com outros dois níveis nos quais se encontram ambientes que seguem uma hierarquia de acessos e serviços, tão característicos naquela época. O valor cultural da Vila Penteado, portanto, guarda relação com as mudanças daquele período da história da cidade de São Paulo.

Imagens 57, 58, 59 : plantas – FAU – Vila Penteado

FONTE: Helena Ayoub Arquitetos Associados

Entretanto, existem outros elementos que enriquecem a compreensão dos valores presentes no edifício. Sua ocupação como escola de arquitetura e, posteriormente, como primeiro curso de pós-graduação do país em arquitetura e urbanismo também atribui significados expressivos. Em entrevista recente, o professor Júlio Roberto Katinsky aponta elementos críticos do debate (SILVA, 2012, p.315-316):

“O prédio foi doado pela família Penteado à Universidade de São Paulo para a instalação de uma escola de arquitetura e urbanismo em 1938. A criação do curso e a ocupação da casa deveriam ocorrer em até 10 anos, segundo os termos dessa doação.

Poucos meses antes do prazo vencer, o professor Anhaia Mello – responsável pelo Curso de Engenheiro-Arquiteto da Poli – organizou a mudança, e mandou pintar as paredes de branco, com exceção do Hall principal. As demais superfícies ficaram “limpas”.

Especialmente, o prédio fora adaptado para um conceito tradicional de escola no Brasil: uma sala grande, com janelas grandes que garantiam a iluminação e a ventilação. Problemas de conforto acústico não faziam parte das preocupações. A FAU, a partir dos trabalhos dos professores Cintra do Prado e Aristóteles Orcini, Professores da Poli, introduziu o problema do conforto ambiental nas especificações técnicas do ambiente escolar(...)

Mas penso que apenas recentemente compreendemos a importância em se preservar o patrimônio que nos foi confiado. Ou pelo menos, alguns de nós. E isso não se restringe a Vila Penteado, mas também à Cidade Universitária. Esses edifícios serão devidamente tratados no momento em que a coletividade manifestar sua vontade de fazê-lo. Por isso, é necessário fortalecer as iniciativas de intervenção cujo objetivo é a preservação.”

Ou seja, ao longo dos anos, com o desenvolvimento das pesquisas em história da arquitetura, produziram-se conhecimentos que revelaram novos significados do edifício para a cultura paulistana. O *Art-nouveau*, assim como o Ecletismo, marcou um período de diversificação da arquitetura local, com novos programas de necessidades e com maior incorporação de sistemas industrializados à construção propriamente dita. Esses são os elementos que permitem sua aproximação aos demais estudos de caso. Além disso, a criação de uma escola de arquitetura naquele edifício demonstrava a preocupação da elite urbana com a formação de profissionais alinhados às tendências européias capazes de solucionar as demandas emergentes na capital do estado. Nesse sentido há grande convergência entre a história do edifício e a história dos cursos de arquitetura e urbanismo no Brasil.

4.2.2 Valor Autoral

Até o início dos anos 2000, poucas intervenções expressivas aconteceram. Os esforços maiores voltaram-se a sistematização das informações através de boletins técnicos e estudos específicos. Provavelmente a exceção é o trabalho coordenado pela arquiteta Regina Tirello para a restauração das pinturas murais do imóvel, e que evidencia o caráter dual das iniciativas de preservação no ambiente universitário (SILVA, 2012, p. 318):

“Ao longo da década de 1990, cerca de 60 bolsistas do CPC - USP foram treinados sob coordenação da arquiteta e restauradora Regina Tirello. O programa caracterizou-se por 3 etapas distintas. A primeira, que compreende o período entre 1990 e 1992, caracterizou-se como um amplo levantamento das informações sobre o imóvel, necessárias à restauração; a segunda, entre 1992 e 1993, em que as equipes se dedicaram às atividades de decapagem das pinturas murais; e a última, que se estendeu até 2002, quando da restauração propriamente dita de pinturas em oito ambientes da casa”

Naquele momento, o debate de sustentabilidade não ocupava posição central. O sentido predominante era o alinhamento das intervenções com a Teoria da Restauração, produzindo a recuperação de inúmeras pinturas murais com atividades pedagógicas. Essa vertente contribuiu sensivelmente para a formação profissional de inúmeros estudantes de história, arquitetura e artes-plásticas e demonstrou o potencial de ensino e pesquisa desse tipo de prática. Contudo, no início dos anos 2000, novas possibilidades surgiram. “Na década de 90, a FAPESP criou o programa de infraestrutura para modernização de bibliotecas. Graças a essa iniciativa, o SBI encaminhou projetos para a reformulação das áreas da biblioteca de graduação e pós-graduação” (MARQUES, 2006, p. 237). A restauração da biblioteca da FAU – Vila Penteado inaugura uma percepção global do problema, articulando diversas áreas do conhecimento a fim de recuperar os valores originais do espaço às demandas atuais de ocupação para aquele tipo de uso. Ela é a que melhor expressa o problema autoral no processo de preservação do edifício, envolvendo arquitetos como o Professor Júlio Roberto Katinsky e José Armênio de Brito Cruz, com a consultoria do Estúdio Sarassá. A equipe tinha consciência de preservar a partir da justa integração entre os espaços originais e as demandas utilitárias de uma biblioteca universitária.

Imagens 60 e 61: pinturas mural
 FONTE: Acervo Roberto Toffoli S. da Silva

Foram identificadas três frentes de trabalho: a restauração do forro original, a reorganização da disposição dos livros e a recuperação de móveis originais. Cada elemento foi trabalhado como parte de um sistema global – a própria biblioteca – ao mesmo tempo em que apresentava peculiaridades próprias que deveriam ser conservadas. Assim, iniciaram-se as discussões sobre a elaboração do partido arquitetônico.

O forro estava deteriorado. Era necessária a consolidação das estruturas originais, cuja disposição envolvia duas camadas de estuque, um sistema de isolamento acústico e o barroteamento que servia, simultaneamente, ao forro e ao

piso do pavimento superior. Foram realizados estudos que identificaram as patologias e permitiram a elaboração de soluções técnicas adequadas. Por exemplo, as intervenções estruturais foram realizadas inteiramente a partir da remoção criteriosa do assoalho, facilitando a restauração das pinturas murais. O mesmo se deu em trabalhos de combate à infestação de insetos xilófagos e aos problemas provenientes da umidade identificada no local.

Imagem 62: novo sistema de disposição de livros

FONTE: Acervo Roberto Toffoli S. da Silva

A restauração dos desenhos nas paredes e no teto permitiu a identificação de um padrão gráfico que os relacionava aos desenhos existentes no assoalho. Ou seja, a antiga disposição de livros em estantes distribuídas pelos espaços da biblioteca dificultava a apreensão da proposta original. Assim, a solução adotada reorganizava as estantes lançando-as junto às paredes, o que liberava integralmente o piso e seus respectivos grafismos. Essa solução, articulada a novos dispositivos de iluminação artificial, foi de grande relevância para o entendimento da proposta de Eckman e teve influência na adoção de uma terceira solução, que agora envolvia o mobiliário.

Nesse quesito adotaram-se duas medidas distintas: a restauração do mobiliário original ainda existente e a utilização de móveis cujo design fora produzido por professores da FAU. Os primeiros foram alocados a fim de valorizar a leitura do espaço original e dar suporte funcional às atividades contemporâneas. Por exemplo, na última sala foi colocada uma grande mesa de madeira, que constava do inventário original. Já os móveis contemporâneos, como as cadeiras projetadas por Paulo Mendes da Rocha ou por Júlio Roberto Katinsky atribuem valores culturais típicos da FAU – USP.

Pode-se afirmar que esse projeto é o primeiro a assumir um sentido mais amplo de preservação (KATINSKY, 2013). Até então, notava-se a crescente sistematização de informações sobre o edifício, mas os trabalhos efetivos caracterizavam-se por abordagens restritas. Os elementos históricos eram trabalhados de maneira isolada, o que pode ser atestado pelo programa de restauração das pinturas murais do Centro de Preservação Cultural da Universidade de São Paulo (CPC). Por mais rica que tenha sido a experiência, eram necessários projetos de abordagem mais ampla. Portanto, o tratamento dado à biblioteca, com o desenvolvimento dos projetos de restauração foi possível a elaboração de uma estratégia de preservação que articulasse as estruturas originais ao uso contemporâneo.

4.2.3 Estratégia de Preservação

Como mencionado, ao contrário do caso da biblioteca, o processo de preservação da Vila Penteado como um todo não se deu a partir de projeto amplo e coordenado. Paulatinamente, a comunidade toma consciência dos valores presentes na casa e novas propostas surgem. Contudo, isso acarreta um modelo desigual no estado de conservação dos diversos ambientes da casa. Citamos uma entrevista recente da Professora Dra. Helena Ayoub Silva (SILVA, 2012, p.320-321):

“Existe uma conscientização crescente por parte da comunidade, mas é um processo complexo. Na história da FAU, o significado das edificações tombadas modificou-se na medida em que a historiografia da nossa arquitetura foi produzida e organizada. É claro que isso se rebate nas práticas de preservação dos edifícios pelos quais somos

responsáveis. Nós, o Professor Antonio Carlos Barossi e eu, antigos gestores da Vila Penteado, apresentamos uma proposta global de intervenção em 2007, que foi aprovada pela Congregação da Escola. Naquele momento, também foi elaborado um orçamento, mas esses números devem ser atualizados. Esse material está presente em trabalhos como a Tese do Professor Barosi e no relatório de gestão dos professores Ricardo Toledo e Maria Ângela. Esse tipo de iniciativa é fruto da construção de uma tradição em preservação [...] Apesar da apresentação de uma visão de conjunto, temos de lidar com a realidade. Muitas vezes os processos são aprovados de maneira segmentada, ou mesmo pouco coordenada. As últimas iniciativas foram o restauro da pintura do forro do mezanino menor e a elaboração do projeto de elétrica. Ambos de 2005 ou 2006. Em 2010, foi feita uma nova revisão do projeto de elétrica. “

Por exemplo, o hall de acesso, com suas pinturas murais, marcenarias, pisos e forros decorados encontram-se tal qual a ambientação original. Nesse espaço em particular, não existem estruturas contemporâneas de qualquer natureza, fortalecendo as diretrizes de preservação do bem. Mesmo na biblioteca, em que a presença contemporânea se faz marcante, o espaço é perfeitamente legível, revelando aspectos positivos do tratamento do edifício em si.

Imagem 63: saguão principal

FONTE: Acervo Roberto Toffoli Simoens da Silva

Por outro lado, algumas salas de aula e a secretaria caracterizam-se pela deterioração dos revestimentos de parede, de piso e de forro, perdendo-se a riqueza dos primeiros tempos da casa. Do nosso ponto de vista, isso decorre de um conjunto de razões relacionadas aos limites da cultura brasileira em lidar com a

Preservação de bens culturais. Por exemplo, na universidade destacam-se dois elementos que limitam o desenvolvimento dos projetos necessários: a lei de licitações e a capacidade das estruturas administrativas e técnicas em lidar com as restaurações. A primeira questão, das contratações públicas, revela o ressentimento da cultura brasileira em termos da inexistência de uma legislação específica de contratações para restauração (ainda que o limite financeiro dos aditivos contratuais de reformas sejam superiores ao de construções novas)

Explicamos: os projetos de restauro não oferecem todos os elementos necessários à intervenção. Em edifícios recém-construídos, todos os elementos técnicos necessários são de conhecimento prévio, à exceção das fundações. Já nas obras de restauração, os edifícios passam por um intenso processo de investigação e descoberta, resultando soluções distintas daquelas inicialmente idealizadas. O conhecimento dos profissionais envolvidos “amadurece” na medida em que as atividades acontecem, permitindo um número cada vez maior de prospecções e ensaios até que se construa a solução final. Esse sentido experimental não está previsto nas atuais modalidades de contratação, que freqüentemente “enrijecem” os escopos originais e dificultam o desenvolvimento de iniciativas dessa natureza. Assim, a Lei de Licitações deve evoluir em direção a categorias específicas para o tratamento adequado do universo da preservação, com sistemas de financiamento e fiscalização do uso dos recursos específicos. Na medida em que o patrimônio das Universidades públicas está submetido a essa mesma legislação o problema se estabelece.

O segundo ponto, sobre as estruturas gerenciais capazes de desenvolver os programas de preservação do patrimônio universitário também merece reflexão. Esse processo foi iniciado na USP em meados da década de 1980 (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2013):

“Reitoria

Portaria nº 39

O REITOR DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, usando de suas atribuições legais e de conformidade com a decisão do Colendo Conselho Universitário, em Sessão de 16/12/86, designa o Prof. Dr. NESTOR GOULART REIS FILHO, na qualidade de Coordenador, e como membros os Profs. Drs. LÉA GOLDENSTEIN, ULPiano TOLEDO BEZERRA DE MENEZES, WALTER ZANINI e o aluno LUCIO MARCOS GONÇALVES PRADO para comporem Comissão com a incumbência de propor a fixação de diretrizes gerais quanto à destinação do

patrimônio da universidade de São Paulo, sob o ponto de vista cultural.

Reitoria da Universidade de São Paulo, 08 de janeiro de 1986.

José Goldemberg
Reitor”

A visão do professor Nestor Goulart Reis sobre o patrimônio histórico já era de conhecimento público desde a década de 1970: “Todo o povo tem seu patrimônio de cultura, que deve aprender a conhecer e a utilizar.” (REIS FILHO, 1970, p. 200). Isto é, a preservação do patrimônio histórico guarda íntima relação com a compreensão dos valores dos bens culturais e na capacidade coletiva de apropriar-se desses espaços históricos. Criar a CPC representou institucionalizar essa visão no plano universitário.

Dentre as ações da CPC, destacamos a já mencionada restauração das pinturas murais da FAU – Vila Penteado e da Casa da Dona Yayá, a restauração de afrescos como “A marcha do conhecimento Humano” de Carlos Magano e as obras de Fúvio Pennacchi na capela do Hospital das Clínicas da FMUSP. São trabalhos expressivos que estão sob a responsabilidade da USP. Entretanto, atualmente, a orientação do Centro está mais voltada à reflexão do que à intervenção física nos edifícios (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2013):

“O CPC constitui-se em fórum privilegiado e sistemático para a elaboração de reflexões e ações relacionadas à coleta, conservação, pesquisa, experimentação e comunicação de testemunhos do patrimônio cultural. Vários programas foram implantados, dotando o Centro de uma face pública, e consolidando-o como um pólo diferencial da Universidade de São Paulo.

As ações do CPC são fundamentadas em estudos que, por meio do estabelecimento de critérios para conservação, restauração e uso, buscam propiciar reflexões sobre as temáticas do patrimônio cultural. As práticas decorrentes do trabalho viabilizam a realização de conjuntos amplos e diversificados de atividades, concretizadas a partir dos seus programas:

1. Reflexões sobre patrimônio cultural
2. Conservação e restauração de bens arquitetônicos e integrados
3. Banco de dados sobre patrimônio cultural
4. Memória e uso qualificado do patrimônio cultural

Os programas possibilitam a realização de estágios supervisionados em identificação, conservação, restauração e divulgação do patrimônio cultural.”

Apesar da relevância da proposta, muito ainda deve ser feito a fim de criarem-se as condições ideais para o desenvolvimento das restaurações dos edifícios dos Campi da Universidade de São Paulo. Problemas como a adequação da

lei de licitações as atividades de conservação representa ponto central para o avanço nas práticas de preservação no ambiente acadêmico. Na FMUSP, por exemplo, o sucesso do programa de preservação esteve intimamente ligado à captação de recursos da instituição através da Fundação Faculdade de Medicina e na contratação da empresa Método como gerenciadora de todas as obras daquele projeto. Assim, estabeleceram-se premissas que permitiram o tratamento do problema como um todo, do projeto às intervenções, por mais complexo que isso fosse.

Na comparação entre a restauração do IOF e da Vila Penteado encontramos pontos de convergência importantes. Por exemplo, nos dois processos existem áreas com níveis de tratamento diferenciado, o que demonstra a dificuldade em desenvolverem-se projetos de caráter global. Além disso, e de maior interesse, reside na valorização dos elementos originais dos edifícios que estimulam o conforto ambiental sem o acréscimo de sistemas modernos, tais como iluminação artificial e climatização. É claro que tais recursos são utilizados na medida em que também contribuem para as condições de uso e ocupação dos imóveis, mas é notável a apropriação de características tais como ventilação e iluminação natural, atribuindo sentido sustentável às intervenções realizadas. Ainda podemos citar o caráter dual das intervenções que a um só tempo permitem a recuperação dos edifícios e seus respectivos valores como também propicia a formação de mão-de-obra especializada. Nesse particular, as distinções entre os processos referem-se mais a intensidade com que os problemas foram tratados do que propriamente pela forma com que os profissionais os enfrentaram. Por exemplo, a formação de mão-de-obra e a apropriação técnica dos conhecimentos de restauração na FAU – Vila Penteado fica mais evidente, pela própria responsabilidade que a escola de Arquitetura e Urbanismo desempenham na matéria. Porém, os trabalhos produzidos na FMUSP também foram apresentados a estudantes e profissionais da área, na medida em que os responsáveis também são professores da FAU – USP.

5. CONCLUSÕES

A contemporaneidade é marcada pela multidisciplinaridade. Em muitos casos de aproximação entre áreas distintas do conhecimento, surgem novas possibilidades de avanço no debate cultural. Como mencionado ao início dessa dissertação, dentre os estudos mais importantes da Escola Ecológica de Chicago está a análise do desenvolvimento das cidades norte-americanas, realizado por Ernst Burgess. Foi ele, na introdução da sua pesquisa, que revelou o modelo radio - concêntrico daquela urbanização nas regiões metropolitanas nos estados Unidos e que, até o final do século passado, foi considerado atual. A rigor, sua obsolescência só aconteceu a partir da década de 1980, quando foi substituído pela idéia de dispersão urbana, ou cidade dispersa. Em outras palavras, do encontro entre a Biologia e a Sociologia nasceram análises que contribuíram sensivelmente para o desenvolvimento de estudos de urbanização. Aqui, buscamos “encontros” que favoreçam o enfrentamento da deterioração de edifícios em áreas degradadas, e por isso, comparamos os universos da Preservação e da Sustentabilidade, tomando por objeto intervenções recentes em edifícios ecléticos na cidade de São Paulo.

Ainda que não tenhamos a pretensão de encerrar a matéria, é possível tecer considerações gerais. A primeira corresponde à assertiva, *Preservar é Sustentável*, afirmação essa que pode ser classificada como intuitiva para a maior parte das pessoas. Entretanto, sua comprovação é menos simples do que parece. A produção do conhecimento nessas tradições culturais – baseadas em debates e acordos internacionais – evidencia pontos de convergência relevantes. Por exemplo, as práticas de preservação valorizam o meio ambiente cultural e apropriam-se de princípios que reduzem o consumo energético ao potencializar a reutilização de ambientes degradados. A restauração do residencial Américo Simões é um caso típico que ilustra o problema em sua complexidade. Assim, ao recuperar estruturas existentes, economiza-se boa parte do trabalho, dos materiais e dos recursos financeiros necessários para a tarefa, pois existe um legado deixado pelas gerações que nos antecederam. Por isso, através da revisão bibliográfica feita e dos objetos

de estudo aqui apresentados, é oportuno afirmar que as práticas de restauração são profundamente favoráveis à tradição de sustentabilidade na construção civil.

Nossa segunda consideração versa sobre a arquitetura eclética e a sua contribuição para o entendimento da questão. Aquelas edificações foram concebidas a partir da evolução de concepções arquitetônicas e construtivas ao longo dos séculos XVIII e XIX. Espacialmente, o resultado estabelecia uma nova relação do edifício e o meio em que estava inserido, o que pode ser observado na adoção de sistemas construtivos mistos – que articulavam técnicas tradicionais a elementos industrializados – e nas melhorias das condições de habitabilidade. Isso é perceptível no IOF, nas suas técnicas originais, mas principalmente, na adoção de soluções “higienistas”, que potencializavam a ventilação cruzada e a iluminação natural em todos os compartimentos do edifício. O ecletismo, portanto, permite a análise de mudanças mais amplas, cuja origem está no impacto da revolução industrial no meio ambiente (natural e urbano), e cujos entendimentos evoluíram ao longo do tempo, passando pelas preocupações e práticas sanitaristas, evoluindo para a abordagem ecológica até que se chegasse à busca do desenvolvimento sustentável.

Entretanto, e essa é a terceira constatação do trabalho, não identificamos um estilo arquitetônico contemporâneo que sintetize todas essas preocupações. Ou seja, não há estética sustentável, mas formas de agregar valores sustentáveis ao programa arquitetônico. A análise dos Estados da Arte não permite o encerramento da questão. Muito pelo contrário. Apesar da relevância de obras de arquitetos como Norman Foster e I.M. Pei, não se deve restringir as discussões à adoção de soluções tecnológicas na preservação de sítios históricos. De certa maneira isso corresponde a afirmar uma visão positivista em que a tecnologia determina a arquitetura, ou ainda, em que o *meio* coincide com o *fim*. Mais importante que isso é compreender que existem problemas éticos primordiais, da relação entre o interesse individual (representado pelo valor autoral) com o interesse coletivo (valor cultural). É necessário que se encontrem respostas que integrem funcionalidade, estética e ética. Por essa razão propusemos um sistema de análise que articula cultura e ética, não como sistemas fechados em si, mas

como elementos que guardam íntima relação com a evolução do conhecimento, a criatividade arquitetônica, e a construção das tradições dos povos. Acreditamos que esse é o ponto mais importante do estudo: uma proposta de avaliar a qualidade das intervenções e promover referenciais positivos para a reflexão e intervenção em edifícios deteriorados.

A quarta ponderação, enfim, pode ser compreendida como a de maior grau especulativo. Ela não se restringe às conclusões imediatas dos dados e projetos analisados, pois representa um olhar esperançoso para o futuro. Um olhar que valoriza mais as qualidades de cada tradição que suas limitações e que percebe a existência de movimentos convergentes necessários para a melhoria dos projetos de intervenção em edifícios e áreas deterioradas. É evidente que a *Teoria da Restauração* oferece maiores recursos teóricos. Além da longevidade, os debates que a compõem assumem caráter eminentemente técnico e, portanto, são mais objetivos do ponto de vista científico. Por outro lado, o reconhecimento da Sustentabilidade como problema comum a todos os povos e nações atribui uma exposição excessiva da matéria a humores políticos e ideológicos, isso tudo sem mencionar a dificuldade em construir um vocabulário consagrado que permita o alinhamento das visões existentes e, conseqüentemente, o avanço crítico da matéria.

A convergência dessas áreas é desejável. Se a Teoria da Restauração pode promover a organização dos conhecimentos e a estruturação do debate em termos científicos, é a sustentabilidade que tem o apelo necessário para que a sociedade compreenda a gravidade da questão e o potencial envolvido na preservação de áreas antigas. Os trabalhos de preservação do patrimônio universitário nos ensinam muito nesse sentido. As intervenções são compreendidas como soluções técnicas e oportunidades de aprendizado, em que a comunidade acadêmica deve debater, refletir e decidir qual o melhor caminho para a proteção do legado que lhe foi confiado. Isso não pode ser estendido à sociedade civil? As discussões sobre o impacto dos programas urbanísticos de requalificação de áreas deterioradas e as restaurações do patrimônio histórico nos parecem oportunidades singulares de conscientização civil e de formação técnica habilitada para a resolução dos

problemas. Afinal de contas, é notória a quase inexistência de mão-de-obra qualificada para as atividades de recuperação de edifícios no Brasil. A experiência universitária pode fundamentar programas educacionais e técnicos de grande utilidade pública.

Portanto, é razoável crer que ao atribuírmos sentido sustentável às práticas de preservação, permitimos a ampliação do debate cultural e das técnicas de intervenção em edifícios deteriorados. Dialeticamente, introduzir às práticas sustentáveis o caráter crítico presente no universo da Preservação é de suma importância para a sistematização de uma área que ainda não se estabeleceu academicamente. Um desafio enorme, em um mundo em que a ideologia dominante é o dinheiro, a todos aqueles que crêem na possibilidade de construir um futuro melhor.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABBAGNANO, Nicola : *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1970.
- ANDRADE, Mario de: *Curso de filosofia e história da arte: ante-projeto do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. São Paulo: Grêmio da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1955.
- APPLETON, João: *Reabilitação de Edifícios Antigos*. Lisboa: Edições Orion, 2011.
- BOITO, Camilo: *Os Restauradores*. Cotia: Atelier Editorial, 2002.
- BRANDI, Cesare: *Teoria da Restauração*. Cotia: Atelier Editorial, 2004.
- BRUNA, Gilda C; CIANCIARDI, Glaucus: *Procedimentos de sustentabilidade ecológicos na preservação de edifícios citadinos*. Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, v.4, n.1, p. 113-127. Universidade Mackenzie, 2004.
- CARTA DE ATENAS. Disponível em:
<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=232>.
- Acesso em 10 de Out, 2011.
- CARTA DE VENEZA. Disponível em:
<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=236>.
- Acesso em 10 de out, 2011.
- CARVALHO, Maria C.W.: *Ramos de Azevedo*. São Paulo : EDUSP, 2000.
- CHASLIN, Françoise.: *Grand Louvre, prisme changeant de l'opinion*. Paris. L'Architecture d'Aujourd'hui, n 263, juin 1989.
- CHAUÍ, M.: *O que é Ideologia?* São Paulo: Editora Brasiliense: Coleção Primeiros Passos, 1980.
- CHOAY, F.: *A Alegoria do Patrimônio*. Tradução: Luciano Vieira Machado. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

DEVECCHI, Alejandra M.: *Reformar não é Construir: A reabilitação de imóveis verticais – novas formas de morar em São Paulo no século XXI*. São Paulo: Tese de Doutorado. FAUUSP, 2010.

EDWARDS, Brian: *Guia Básico para a Sustentabilidade*. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 2008.

FIEMG: *Guia da Sustentabilidade na Construção Civil*. Belo Horizonte: FIEMG, 2008.

FURTADO, Celso. *Ensaio sobre cultura e o Ministério da Cultura*. Organizadora: Rosa Freire D'Aguiar Furtado. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2012.

GUERBER, A.: *"Constructions modernes & économiques: avec plans, coupes, élévation et détails"*. Paris : Monroc, 1898.

JUDT, Tony: *Reflexões sobre um século esquecido: 1901-2000*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2010.

KATINSKY, Júlio R.: *Quatro Conceitos/Palavras: Conhecer, Conhecimento Científico, Técnica, Tecnologia*. São Paulo: FAUUSP, 2010.

_____. *Pesquisa Acadêmica na FAU USP*. São Paulo: FAUUSP, 2011.

_____. *O Art nouveau, a Vila Penteado e o desejo de mudança em São Paulo – Desafios ao Restauro*. São Paulo: FAUUSP, 2012.

KUHL, Beatriz M.: *Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização: Problemas Teóricos de Restauro*. São Paulo, FAUUSP, 2006.

_____. *Notas sobre a Carta de Veneza*. Anais do Museu Paulista. São Paulo: N.Sér.v.18.n2.p287-320.jul-dez. 2010.

LEMOS, Carlos A.C: *Cozinhas, etc*: São Paulo: Editora Perspectiva, 1976

_____. *Alvenaria Burguesa*: São Paulo: Editora Nobel, 1989.

_____. *A República ensina a morar(melhor):*. São Paulo: Hucitec, 1999.

LEVY, Hanna: *Valor histórico e artístico: importante problema da história da arte*. Revista do IPHAN, v.4, p 181-192. Rio de Janeiro, 1940.

LIMA, Ewelyn F.W. e Maleque, Miria R.: *Cultura, Patrimônio e Habitação – possibilidades e modelos*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2004.

LINDZEN, Richard S. *The climate science isn't settle: confident predictions of catastrophe are unwarranted*. The Wall Street Journal, New York. 30 de novembro de 2009. Editorial. Disponível em: <http://online.wsj.com/article/SB10001424052748703939404574567423917025400.html>. Acesso em 15 de setembro de 2012.

MARQUES, Eliana de A.: *Serviço de Biblioteca e informação da USP*. São Paulo: Revista Pós. FAUUSP. N20. p.226-238, 2006.

MIURA, Priscila M.: *Quadrilátero da saúde: espaço de ensino, pesquisa e saúde pública em São Paulo*. São Paulo. 304f. São Paulo. Dissertação de Mestrado. FAUUSP, 2012.

MUSEU DO LOUVRE: *Site Oficial*. Disponível em www.louvre.fr, acessado em 12 de dezembro de 2012.

PAIONE, Luciana L.: *Projeto de Restauro do Hotel Central*. São Paulo, 2002. Projeto apresentado ao Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo – CONPRESP.

POWELL, Kenneth: *Converting Old Buildings for New Uses*. Nova York: Rizzoli International Publications Inc, 1999.

REIS FILHO, Nestor Goulart: *Quadro da arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

_____. *Dispersão Urbana – Diálogos sobre pesquisa Brasil/Europa*. São Paulo: LAP – FAU, 2007.

REITER, Ole Peter: *Ambiente Arquitetônico Sueco na época do Arquiteto Carlos Ekman*. São Paulo: Boletim Técnico Vila Penteado número 02, FAUUSP, 1993.

Ruskin, John: *A Lâmpada da Memória*. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.

SAFATLE, Vladimir: *A esquerda que não teme dizer o seu nome*. São Paulo: Editora Três Estrelas, 2012.

SERRADOR, Marcos E.: *Sustentabilidade em Arquitetura: referências para projeto*. 2008. 268 f. São Carlos. Dissertação de Mestrado. FAUUSP, 2008.

SILVA, Roberto T.S. da: *Práticas Urbanísticas Contemporâneas: o urbanismo privado nos Estados Unidos*. São Paulo: LAP – USP, 2002.

_____. *Preservação da FAU – Maranhão*. São Paulo: FAUUSP, 2012.

SILVA, Helena A. A.; KATINSKY, Tereza; KATINSKY, Júlio R.: *Relatório Técnico das obras de restauração do Instituto Oscar Freire*. São Paulo, 2009.

SOARES, Isis S.R: *Análise do desempenho aplicada à Preservação Predial: o caso do edifício Vila Penteado*. 2012. 392 f. São Paulo. Dissertação de Mestrado. FAUUSP, 2012

STROETER, João R.: *Arquitetura e Forma*. São Paulo: FAUUSP, 2012.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Centro de Preservação Cultural: *Portaria 39*. São Paulo. 1986. Disponível em: <http://www.usp.br/cpc/v1/html/rp39.htm>. Acesso em 10 de Maio de 2013.

_____. Centro de Preservação Cultural: *Apresentação do CPC*. São Paulo. 2013.

Disponível em: http://www.usp.br/cpc/v1/php/wf02_o_cpc.php. Acesso em 10 de Maio de 2013.

VALE, Maurício S. do: *Diretrizes para racionalização e atualização das edificações: segundo o conceito da qualidade e sobre a ótica do retrofit*. 2006. 220 f. Rio de Janeiro Dissertação de Mestrado. UFRJ/FAU, 2006.

VIOLLET-LE-DUC. Eugene E.: *Restauração*. Cotia: Ateliê Editorial. 2013.

WISEMAN, C: *The Architecture of I.M.PEI*. London: Thames and Hudson, 2001.